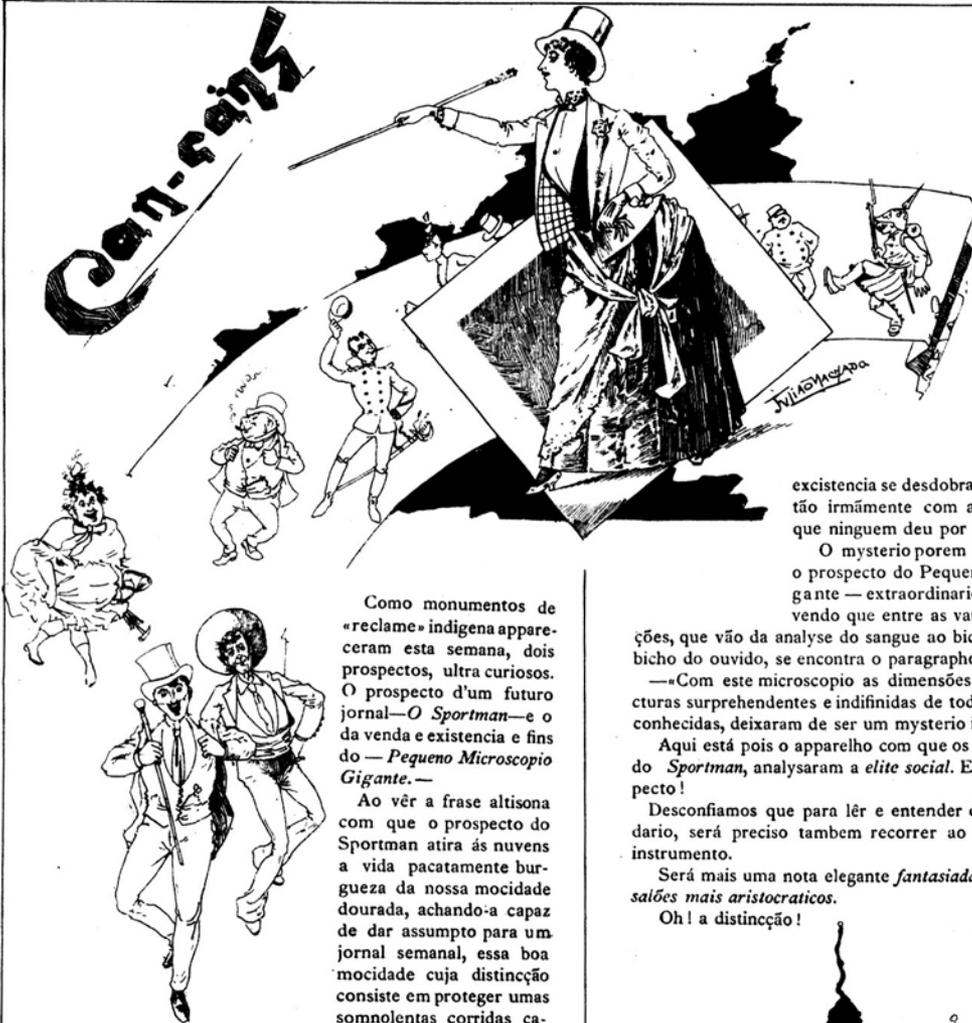


Anna Pereira



Annuncia-se, como certo, o reaparecimento na scena portugueza, de Anna Pereira, a nossa primeira actriz de opera comica. A *Comedia Portugueza*, felicitando a intelligente actriz, presta-lhe a homenagem devida ao seu brilhante talento e faz votos por que depressa se realice a sua apparição, tão desejada pelos seus admiradores e amigos.



Como monumentos de «reclame» indigena appareceram esta semana, dois prospectos, ultra curiosos. O prospecto d'um futuro jornal—*O Sportman*—e o da venda e existencia e fins do — *Pequeno Microscopio Gigante*. —

Ao vér a frase altisona com que o prospecto do *Sportman* atira ás nuvens a vida pacatamente burguesia da nossa mocidade dourada, achando-a capaz de dar assumpto para um jornal semanal, essa boa mocidade cuja distincção consiste em proteger ções somnolentas corridas cavallares, em dar pateadas em S. Carlos e em se mostrar garidamente enluvadadas 4 ás 5 horas ás janellas do Club; parece-nos que a analyse da dita sociedade foi feita com o auxilio do Pequeno Microscopio Gigante. —

Senão veja-se. Diz o programma do *Sportman*.

— Em poucos paizes o *Sportman*, tem adquerido um tão regular numero de proselytos como em Portugal, (o *sportman* com proselytos cheira a tólice; o homem queria dizer *sport*), onde os elegátes da *elite social* (elle griffou, lá sabe ás razões) constituem por assim dizer, uma sociedade á parte, brilhantissima em todas as manifestações da sua actividade e cavalherosa em todas as manifestações da sua existencia.

«A vida do *sportman* portuguez é povoada de tudo quanto ha de mais bello, e mais extraordinariamente encantador; nunca essa pleiade do cavalheiros que o constituem, teve uma iniciativa, uma idéa, uma lembrança que não fossem traduzidas em factos de suprema realidade com todo o realce advindo de promotores cujo espirito se emoldura em finissimos galanteios e extrema delicadeza e, em aventuras phantasiadas nos perfumes dos salões mais aristocraticos—».

E' brilhantissimo tudo quanto provem d'esse uniforme conjuncto de amigos do bello, d'esse nucleo de escolhidos da

nossa sociedade dourada.

O leitor pasma d'este conjuncto de qualidades dos amigos do bello, da existencia d'estas vidas, cheias de quanto ha de mais bello e de mais extraordinariamente encantador; da extstencia d'estas lembranças e edêas que se traduzem em aventuras phantasiadas nos perfumes dos salões, porque todo este mundo, toda esta

existencia se desdobra tão recatadamente, tão irmãmente com a vida das violetas, que ninguem deu por que existisso!

O mysterio porem explica-se, abrindo o prospecto do Pequeno Microscopio Gigante — extraordinario microscopio! e vendo que entre as variadissimas applicções, que vão da analyse do sangue ao bicho do queijo ou ao bicho do ouvido, se encontra o paragrapho seguinte.

— Com este microscopio as dimensões atómicas, as estruturas surprehendes e indefinidas de todas as creações desconhecidas, deixaram de ser um mysterio impenetravel. —

Aqui está pois o apparelho com que os futuros plunitivos do *Sportman*, analysaram a elite social. Eis a razão do prospecto!

Desconfiamos que para lér e entender depois o hebdomadario, será preciso tambem recorrer ao delicado e gigante instrumento.

Será mais uma nota elegante *fantasiada nos perfumes dos salões mais aristocraticos*.

Oh! a distincção!



Foi lançada uma bomba de dynamite contra a casa do sr. Barros, do Porto. Protestamos indignados. Não contra o lançamento da bomba, porque emfim cada um está no seu direito de lançar o que quizer, mas contra o processo com que os sicarios do Porto intentaram desfazer-se do sr. Corrêa.

A'tout seigneur tout honneur. O sr. Corrêa de Barros assassinado á bomba toma as proporções d'um czar de todas as Russias! E' contra esse facto o nosso protesto. Matem-no se quizerem, mas como convem a sua pessoa e altura, e não como se mata um imperador, ou um tyrano!

Façam lhe engulir um artigo antigo do *Diario Popular*, matem-no com cogumellos, com farinha de tapioca, com oleo de ricino, mas com a dynamite, jámas!

A dynamite levou annos a descobrir; o sr. Corrêa de Barros foi creado por um bamburrio, de repente.

O bamburrio chama o bamburrio? parece!

A um tyranno de cavallinho pertence uma bala de estopa. Empregar um torpedo para matar um carapá, eleva o carapá e deshonra a dynamite.

Por honra da chimica, ptotestamos contra o facto: a dynamite engrossa o sr. Barros, além das dimensões que lhe assignalou o sr. Marianno de Carvalho!

Fóra a dynamite!



O caso foi extraordinario e novo. De tal modo relatado que por aqui se pensa que foi sua excellencia quem pertendeu bombardear-se.

Não sei se pelo Porto alguém teve esta idéa e a espalhou. Se assim foi, porque é que a policia prendendo a torto e a direito os suspeitos não prendeu ainda o proprio sr. Corrêa?



Diz se que se vai fazer um *Te-Deum* para dar a Deus graças pela salvação do illustre atacado. A Deus? tem graça. Como o bom Senhor deve ficar atrapalhado e cheio de espanto ao ouvir a prece e ao reconhecer que pelo mundo se imagina que elle pensou, por instantes, no sr. Corrêa de Barros!

Realmente era preciso que Nosso Senhor não tivesse mais que fazer.



Bondoso Deus, que juizo fazem do emprego do teu tempo os progressistas do Porto! Imaginarão, por lá, que tentas entrar n'algum syndicato? ou que porventura ganhas alguma coisa no contracto com as companhias vinícolas?

Então, em descobrindo o assassino... das vidraças, enforquem-no, sim?

Isto não é um paiz, é um theatro, como diz o povo.

Toca a rir.



Vão fazer-se dois lagos no Rocio, dizem, e os trabalhos parecem justificar o dito.

Pelo amor de Deus não se esqueçam de duas cascatazinhas com conchas e ladeem os lagos de uns caramanchões com o caçado de folha, a indicar o vento.

E a proposito, já que os lagos da Avenida teem a forma d'aquelle objecto do feitto d'uma viola com quatro pés e de uso desconhecido, deem a estesa forma circular, o feitto d'aqueloutro objecto redondo, sem pé nenhum, de serviço quotidiano e vulgar... para symetria.

Ensandeceu tudo!



A Bemvinda, morreu!

Ignoram talvez V. Ex.^{ma} quem fosse? Uma pobre mulher, cuja cabeça tinha o tamanho d'uma pera franceza, mas que preocupou gerações de academicos, que foi celebre entre os homens da sciencia, como exemplar raro, curioso, de microcephalia.

Pois morreu esta semana, e com sua morte pôde dizer-se que a mais celebre mulher portugueza do ultimo seculo, falleceu.

Não gracejo. Mostrem-me a mulher ou a senhora cujo nome seja citado, com o respeito que se deve ás raridades, em todas as academias do mundo; digam-me qual a portugueza cujos dotes naturais ou adquiridos, cuja cabeça, singular pela formosura, pela altivez, pela graça, pela belleza, pelo quer que seja, tenha alcançado tão justa fama, tão largo renome? Nenhuma ha.

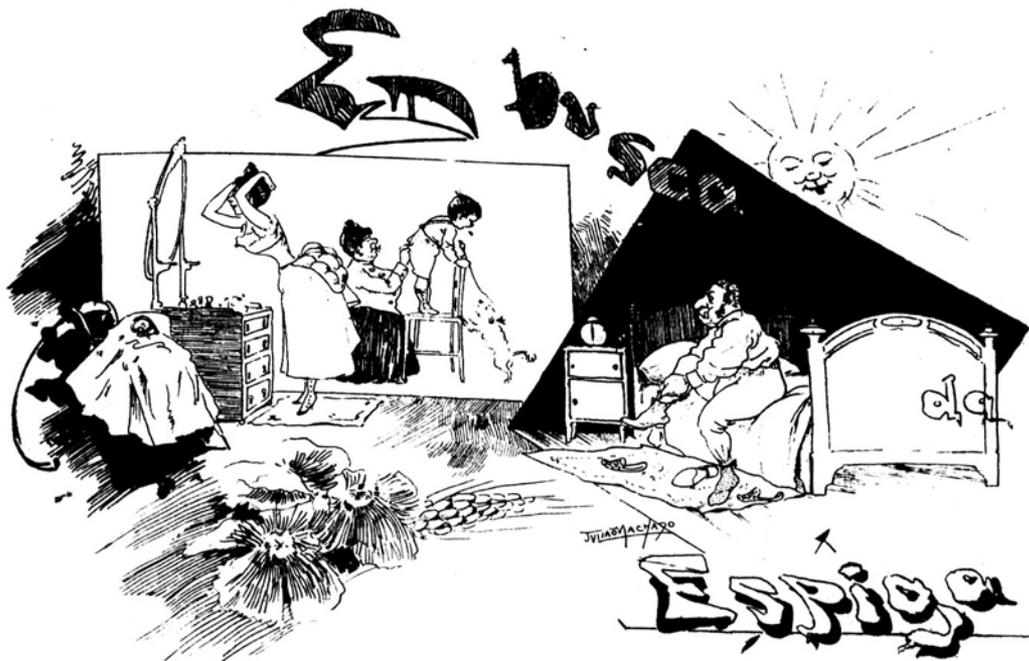
É pois a perda de Bemvinda, uma perda nacional.

Ao vêr a celebridade do seu nome, espalhada no estrangeiro; ao vêr-a occupar o primeiro logar entre as mulheres celebres portuguezas, mais me convenço de que ha apenas uns felizes n'este seculo de luzes, os que andam ás escuras—os idiotas! O mundo é d'elles.

O que parece impossivel é que esta mulher nunca tivesse escripto um livro de propaganda democratica, um volume de viagens, ou fundado um jornal!

Que excentrica!





Segundo é uso, a família de Fragoso resolve passar por proximidades da Rabicha ou da Perna de Pau, o dia da Ascensão e trazer para o lar a allegorica espiga, symbolo talismânico da fartura do anno.

Assim, logo de manhã, a mulher de Fragoso, D. Engracia, a menina Felosa sua filha, o Josézinho, mano de D. Felosa, e o *Jolim*, cão que é já da familia, andam n'uma roda viva, em preparos de festa, assando o naco da carne, pregando um laço, engraxando as botas, em frisados, em lavagens de luvas—(a do pescoço fica para a volta)—em aprestos varios para que partam antes do calor, para que cheguem pela fresca, ao local d'antemão discutido e combinado, da horta.



Emfim, ahí pelas dez e meia, escovado o côco do patriarcha, apertada a mamã, enfarripada a menina, dada a ultima demão de bensina no calção do infante, socegado o *Jolim* com uma côdea para o caminho, de cabazinhos nos braços, a gentil caravana parte.



O calor porém aperta pela estrada e como o vinho refresco, de vez em quando pára-se a uma sombra e a familia desceenta-se.

O caminho começa, á força de paragens, a parecer mais curto; os sitios mais bellos, os pontos de vista mais novos, o verde mais tenro, os trigaeos mais viçosos; d'ahí a alegria que anima o rosto do papá, que colore o nariz da mamã, que aviva as rosetas da menina e faz saltar pelos valados o *Josézinho* e o *Jolim*.



Chega-se ao local. Apanhada a espiga e refeitos os corpos com mais um refresco de vinho com assucar e uma hora de decubito dorsal de costas na relva e nariz ao vento, pensa-se no jantar. Faz-se o circulo, cruzam-se as pernas, abre-se a toalha, desdobram-se os guardanapos e enquanto o Zezinho vae á locanda mais proxima, renovar a esgotada provisao de vinho, desfalcada pelo refrescar da caminhada, a mamã corta os rabanetes da salada, a menina Felosa consulta os malmequeres circunjacentes sobre o amor *d'elle*, o papá Fragozo abre o appetite c' n dois golos, no frasco da genebra, o Jolim ladra aos caminhanes que passam ao largo, cioso do assado e das postas do peixe frito que fazem cogôlo, no prato de Sacavem.

Corre tudo bem.

Mais uma posta... mais um copo... agora outro... um bocadinho de salada... O pão embucha, é preciso desembuchar, outro copito. E um outro para completar a coisa... e outro para o caminho...

O pae canta, a mãe suspira umas saudades dos vinte annos, a menina recita, o Zezinho e o Jolim, cabriolam pelo chão.

Toca a partir, vae o sol a descer, a cidade fica longe.



Ao entrar as portas D. Engracia sente a cabeça ás voltas com o barulho dos carros e o movimento das pessoas, e tem de se agarrar ao outro braço do marido. De subito ouvem-se gemidos: Jolim foi atropellado por um carro e tem uma perna partida. Jolim para o colo da sua ama e senhoça.

O grupo torna-se photographico.

Os passantes demoram-se a contemplar-o: a chegada a casa produz alvoroço na vizinhança.



Subito o Zezinho sente-se incommodado, não pode andar, chora. O pae toma-o ao colo. Na estrada antes das portas a pequena começa a ter vomitos. O pequeno passa para o pescoço e a menina para o braço.



Mais morto de que vivo o bom do Fragozo consegue chegar aos penates, desvenencillar-se da cadeia, stirar-se meio morto para cima da cama e adormecer titubeando: que espiga! que espiga!

Um dia de saudades.



CAMILLO CASTELLO BRANCO

Foi assignado o decreto concedendo um conto de réis de pensão ao nosso grande, ao nosso primeiro romancista.

É inutil commentar a absoluta justiça do facto.

É bom que procuremos resgatar antigas faltas, prevenindo futuros arrependimentos, tardias consagrações. Temos hoje o dever de assentar, de vez, que é indigno deixar morrer na miséria, ou ainda n'essa tormentosa existencia das necessidades de todos os dias, n'essa mediania intoleravel, falta de confortos, os homens a quem amanhã ten os de levantar uma estatua!



O sr. D. Thomaz de Vilhena teve a amabilidade de me enviar o seu drama—Margarida—representado, em Abril, em D. Maria II, e por mim, segundo é fama, critica do com demasiado rigôr. A resposta á defeza com que o auctor abre o seu livro, defeza que elle oppõe contra a minha critica, a melhor resposta seria fazer analyse minuciosa do drama, o que seria facil, em vista do original. Eu teria então de ser verdadeiramente desagradavel para o auctor, nada se aproveitaria já porque o drama passou, com tantos outros, em deixar rastro, e eu não desejo abolir a sympathia que o auctor me confessa na dedicatoria do seu trabalho, visto que sinto retribuir-l'ha, mercê das suas distinctas qualidades.

Duas palavras só. O facto é este: o drama do sr. D. Thomaz d'Almeida não tinha valor para ser representado em D. Maria II, na minha opinião. Um conselho fiscal de homens de letras, que lhe houvesse negado a entrada, não podia ser acoidado de injusto.

Mas poderia e tinha bastante para outro theatre? Tinha e tem.

Eis a base das divergencias. Representado em D. Maria II, ao lado das obras dos mestres, o grau da critica, que deve ser invariavel, alli, amesquinha-o e esmaga-o.

N'outro theatre, representando um trabalho de estreia, credôr de benevolencia, bitola mais baixa do exame, deixaria que apparecessem as qualidades recommendaveis, que a analyse rigorosa que se deve ao palco do nosso primeiro theatre, deixe ficar na sombra.

A arte, a verdadeira arte, não tem amizades, nem attenções nem transigencias.

Ora a verdade é que theatre onde se faz arte, o unico que temos é o de D. Maria II, a despeito de muitas vezes o rebaixarem em exhibições de comedias de fancaria. Mas isso é um erro que é preciso attacar e não justifica o acolhimento para todos os originaes, porque esses se appresentam com o sello de obras de arte e assim querem ser considerados.

Se o não são, é preciso marcar-lhe o logar secundario, não que isso seja offender os auctores a quem resta o recurso de trabalhar e appresentarem melhor obra, mas simplesmente porque é um dever de justiça, perante o valor de cada um além de ser um acto de probidade critica.

Bons auctores dramaticos francezes não tem conseguido ver representadas as suas obras na Comédie, sem que por isso deixem de ter jus a considerações e louvores. Se o auctor de *Margarida* quizer encontrar n'este meu modo de pensar e vêr, a razão da severidade da minha critica a respeito do seu trabalho, creia que faz plena justiça á minha lealdade.

Quanto á discussão dos caracteres e da these do seu drama, levar-nos-hia longe, e seria absolutamente. inutil.



Quem tiver a paciencia precisa — e de quanto se carece! para acompanhar as gazetas das diferentes *nuances* politicas, nas apreciações que ellas fazem acerca dos discursos dos seus respectivos correligionarios no parlamento, consegue arranjar um pratinho delicioso para saborear nas horas vagas.

Falla um deputado regenerador, e logo a respectiva gazeta: — «Discurso monumental, d'uma felicidade extraordinaria! A sua argumentação envolveu o ministro da fazenda n'uma verdadeira engrenagem de ferro, que o triturou implacavelmente, e de que elle não poderá sair-se bem, por mais esforços que empregue, ou os seus amigos politicos—».



O tal ministro responde, e accode immediatamente a gazeta respectiva: — «Pode considerar-se uma verdadeira peça oratoria o discurso com que o sr. ministro da fazenda respondeu hoje ás phantasticas divagações do deputado regenerador, que hontem se permittiu massar a camara durante toda a sessão. A resposta foi triumphante! Não ficou de pé a menor parcella da pretenciosa argumentação com que o deputado da *serpia* se propunha a esmagar o nobre ministro. Não ha memoria de uma derrocada tão completa!—».

E assim por diante.



Ainda hoje deparámos com dois exemplares, que por serem bastante curiosos os transportamos para aqui.

Falla o nosso collega das *Novidades*, a proposito do discurso do sr. José Luciano, na camara dos pares, em resposta ao do sr. Hintze Ribeiro:

«—O discurso do sr. presidente do conselho é geralmente considerado como um dos mais felizes da sua larga e gloriosa carreira parlamentar—».

De maneira que o sr. José Luciano, que é parlamentar ha mais de vinte annos, só agora consegue pronunciar um discurso á altura de se poder considerar—um dos mais felizes—na opinião das *Novidades*. Não deve ser muito lisongeira para o sr. José Luciano a franqueza da referida gazeta.



Agofa falla o *Correio da Manhã*, a proposito do começo d'um discurso do sr. Julio de Vilhena, na camara dos deputados, em resposta ao sr. Marianno de Carvalho:

«—Seguiu-se o sr. Julio de Vilhena. Como faltava pouco tempo, ficou com a palavra reservada. Amanhã daremos conta do seu discurso que parece dever ser excellente—».

Isto é que é um verdadeiro cumulo! Não se limitam a elogiar os discursos feitos, já se atiram aos que estão por fazer. Aquelle —parece dever ser excellente— é como que aplanar o caminho para impingir no dia seguinte a chapa do costume: —«Discurso monumental! Energico na fórma, esmagador na argumentação..... etc.».



E o publico,—o tal que paga e que ainda por cima é massado com este tiroteio de clichés,—só acha monumental e esmagador. . os 500,000 réis que lhe custa diariamente esta exhibição de rhetoricas varias, com o respectivo acompanhamento de tambores desafinados.



—Ha dias. pediram no mercado das Halles Centraes, em Paris, uma libra por um pécego».

O gentleman que comera o fructo consta que offereceu o caroço a um bazar de caridade.

O caroço rendeu ainda, em leilão, dois francos e cincoenta centimos... para chupar!

Oh! Paris!



Vai ser dado o titulo de *real* ao Colyseu de Lisboa.

Com esta concessão façam um favor de calcular as enchentes que aquella casa vai ter.

Parabens ao agraciado.

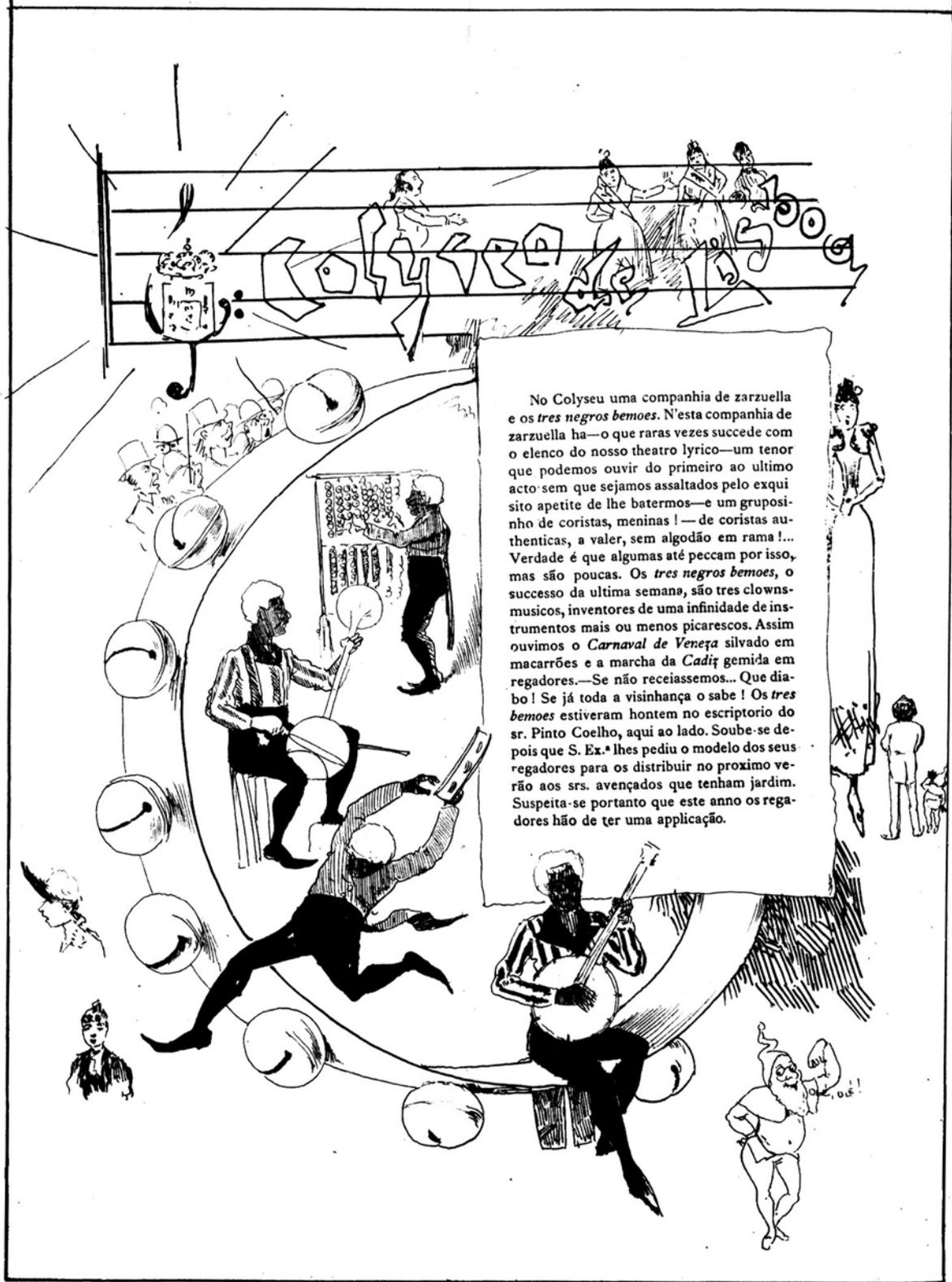


PRAÇA DE TORRES NOVAS

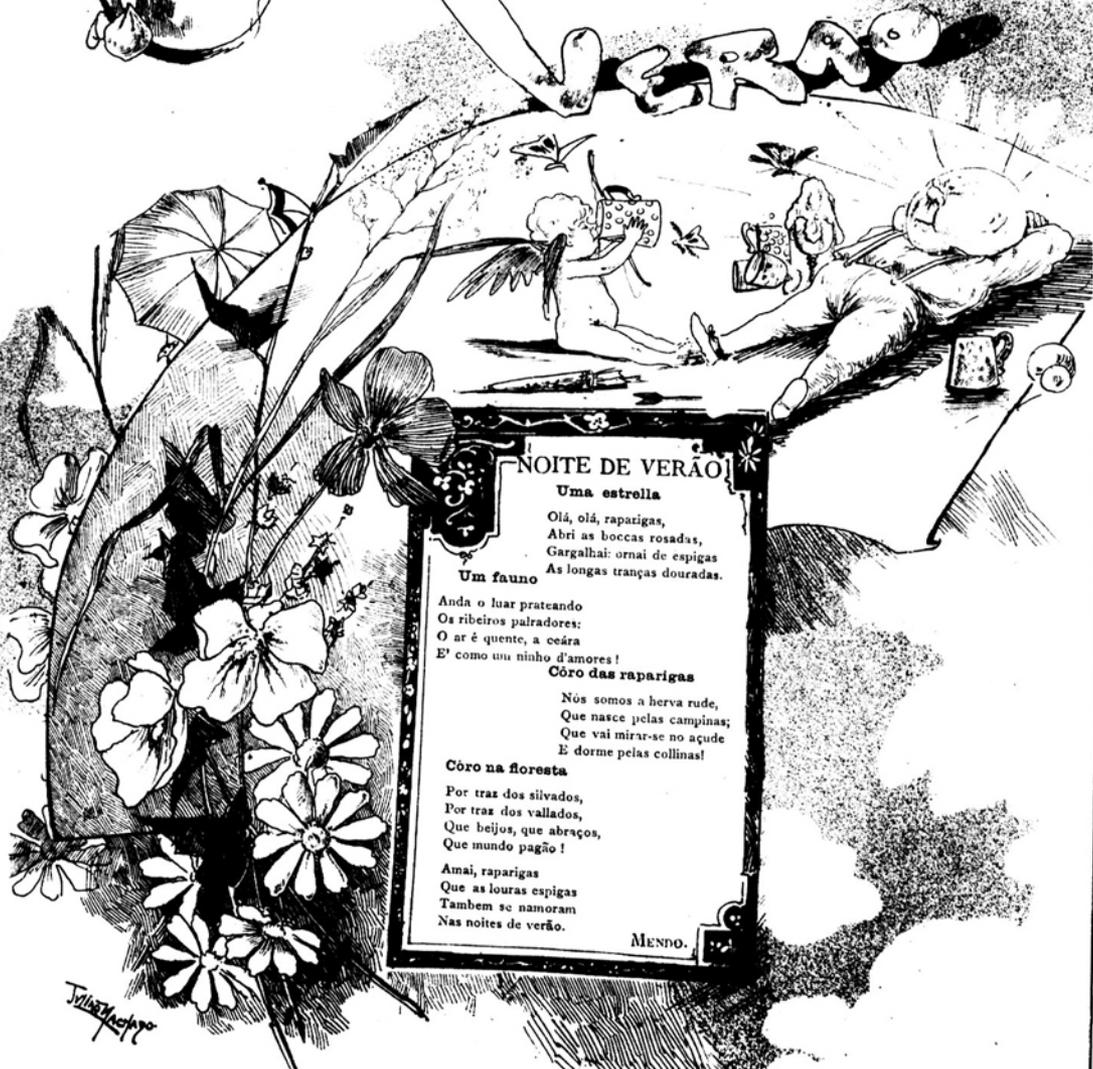
É no dia 16 do corrente mez de junho que se inaugura a presente época taumachica na praça de Torres Novas, de que são actualmente prezarios os srs. João Amado e Francisco de Paula de Mello e Ramalho.

O cavalleiro, n'esta corrida de inauguração, é o sympathico Fernando d'Oliveira, e baddarilheiros: Peixinhos, Turonilha, Theodoro Gonçalves, e outros. O gado é da Companhia das Lezirias.





No Colyseu uma companhia de zarzuela e os *tres negros bemoes*. N'esta companhia de zarzuela ha—o que raras vezes succede com o elenco do nosso theatro lyrico—um tenor que podemos ouvir do primeiro ao ultimo acto sem que sejamos assaltados pelo exquisto appetite de lhe batermos—e um gruposinho de coristas, meninas!—de coristas authenticas, a valer, sem algodão em rama!... Verdade é que algumas até peccam por isso, mas são poucas. Os *tres negros bemoes*, o successo da ultima semana, são tres clowns-musicos, inventores de uma infinidade de instrumentos mais ou menos picarescos. Assim ouvimos o *Carnaval de Veneza* silvado em macarrões e a marcha da *Cadiz* gemida em regadores.—Se não receiassemos... Que diabo! Se já toda a visinhança o sabe! Os *tres bemoes* estiveram hontem no escriptorio do sr. Pinto Coelho, aqui ao lado. Soube-se depois que S. Ex.^a lhes pediu o modelo dos seus regadores para os distribuir no proximo verão aos srs. avençados que tenham jardim. Suspeita-se portanto que este anno os regadores hão de ter uma applicação.



NOITE DE VERÃO!

Uma estrella

Olá, olá, raparigas,
Abri as boccas rosadas,
Gargalhai: ornaei de espigas
As longas tranças douradas.

Um fauno

Anda o luar prateando
Os ribeiros palradores;
O ar é quente, a ceára
E' como um ninho d'amores!

Coro das raparigas

Nós somos a herva rude,
Que nasce pelas campinas;
Que vai mirar-se no açude
E dorme pelas collinas!

Coro na floresta

Por traz dos silvados,
Por traz dos vallados,
Que beijos, que abraços,
Que mundo pagão!

Amai, raparigas
Que as louras espigas
Tambem se namoram
Nas noites de verão.

MENDO.



O governo portuguez acaba de intimar o sr. Raphael Gondry, auctor d'um livro em publicação—*A travers Lisbonne*, a suspender a publicação do seu livro sob pena de expulsão.

Qualquer que seja o merito do livro, o que haja de censuravel ou de louvavel, de digno ou de indigno no trabalho do escriptor, não discutiremos. O que nos fere é a medida tomada pelo governo perante um romance razoavelmente impresso, d'um estrangeiro, que não traz, que se saiba, desenhos realistas, sabido como é o absoluto desprezo que o mesmo governo dispensa a dezenas de publicações vergonhosas que se apregoam semanalmente pelas ruas da cidade, ou ostentam garbosamente os seus títulos enfeitados nas *montres* dos livreiros.

lendo os fasciculos do sr. Gondry, tem-se apenas mais um exemplar d'essa literatura galante, devassa, immoralissima, mas tolerada em Portugal, como em toda a parte, como fructa do tempo.

Scenas intimas, d'um realismo brutal, interessantes pela cruzea, pela minucia irritante, pelo impudor dos detalhes.

De resto, o que nos chega de Paris em rumas de caixotes, todos os mezes, o que se vende amplamente, desafogadamente, por toda a parte.



Porque então o governo encontrou apenas sob a sua vista de Jayme de Belem—o moralista—a obra do sr. Gondry?

É sediciosa a obra? contra as leis, contra a constituição?

Diz-se que ha personagens do nosso mundo ali pintados.

Se ha, se uma offensa, uma calumnia se deriva d'aquellas paginas, se ha ali uma mulher infamada, ou muitas ou todas, ha apenas duas entidades, me parece, a quem compete a resolução do problema.

O ministerio publico, ou os maridos, os irmãos, os amigos d'essas mulheres.

Mas o governo, porque?

Será licito suppôr que algum dos governantes defende com a estranha medida um gravame de honra? Não o suppomos; mas porque então, o ameaço de expulsão?

A imposição definitiva do silencio, na alternativa da rua, n'uma questão de imprensa quando ha leis especiaes para esses crimes?

Se os homens a quem pertence defender essas senhoras infamadas (se as ha—o que é apenas o resultado de encaixar carapuças, porque não ha lá nomes—e é claro que um romancista pinta mulheres e não hypotheses—) mas se os homens a quem compete deslindar, tirar a limpo a questão, nada tem feito nem se importam com o facto, porque extraordinario impeto de Magriço, vem o governo quebrar a sua lança de despota ridiculo, contra a publicação d'um livro, que não é nem mais immoral, nem mais prejudicial que dezenas dos que se publicam ahi todos os dias?

E' bem certo que estes assomos de pudôr intempestivo, dão logar a suspeitas cruéis.

A bom entendedor...



NOTAS COPIADAS DO NATURAL

Quando chegámos ao comicio, um homem vomitava vinho. Este licor enche ás vezes o espirito do povo d'uma necessidade de protestos e d'um fervôr pela manutenção das regalias populares, que nos pareceu que este patriota despejava as iras.

Fallava Magalhães Lima.

Começou a choviscar.

Ao nosso lado um typo de operario para outro:

—Vamos beber dois decilitros?

—Agora não.

—Porque?

—Oh! homem tu só te lembras d'essas coisas em occasiões d'estas?

—Mas é que a gente já volta... e foram mas como a Menina dos Rouxinoes de Garrett, não voltaram.

Fallou depois o dr. Jacintho Nunes.

Um orador; palavra facil, argumentação clara, elevada.

A respeito da maioria empregou a velha phrase de—carneiros de Panurgio.

Um homem de sobrecasaca e chapéu de côco, deante de mim, achou uma graça immensa. Ria, ria...

Um do lado pergunta-lhe:

—O quê, o quê? carneiros...?

E o outro a rir que nem podia fallar!

—Carneiros de quê? tornou a perguntar o do lado.

E o outro, em frouxos de riso:

—Carneiros de Lourdes! (textual)

Então tambem eu ri com o homemsinho do lado. Que divertidos os comicios!



LUZES



A luz do dia.—A primeira que conhecemos, que nos fere a retina. E' de regra recebida com um berreiro teimoso e inexplicavel.



A luz do gaz.—Um pequeno leque, nervoso, traiçoeiro, como todos os leques, afinal. Uma victoriosa que cahiu. «Oh n'insulte jamais...»



A luz de azeite.—Classica, branca, socegada. Pede a roca e o fuso. Luz de estudante, de lavrador e de pobre.

A luz do gargarejo, luz do agua-vai, dos duellos nocturnos, das empresas d'amor nos bons tempos d'El-Rei D. João V e avós.

Sandosa reliquia.



A luz do seu olhar.—Como nos encanta! que ver os tço errados e tço sentidos nos arranca do Intimo do peito por horas silenciosas da noite!

"E andamos atraz d'ella, toda a vida, até ficarmos ás escuras de todo.

E' em regra uma luz falsa, e todavia nenhuma ha que fira menos a vista sem abat-jour azul. Oh! a luz do seu olhar!



A luz de tocha.—Fumosa, cur de tçolho, fugubre e fedorenta. Cheia de sobresaltos, oscilante; luz de mortos, luz das trevas.

Vade retro!



— «*Tout est bien qui finit bien*» —. E' uma sentença que nem sempre se pôde discutir, e que não temos n'este momento nenhum desejo de contestar.

O ultimo comicio republicano acabou bem; portanto não ha senão que applaudir-o, e que felicitar o respectivo partido.

Correu tudo na santa paz do Senhor, como aliaz o *Directorio* tinha já previsto e assegurado aos seus *subditos*, e até o sr. commissario geral, o feroz da outra semana, tomou logar no estrado, em amigavel camaradagem com os amigos das instituições, a quem oito dias antes fizera desancar um pouco.

E' caso para meditar... quem tiver interesse em fazel-o.

A nossa *Comedia* vive tão afastada da *sua collega* politica, que para a ver precisa de oculo; e por isso não é de estranhar que uma vez ou outra a vejamos d'aqui differente do que parece lá perto. Efeitos de chromatismo ou de qualquer outra causa perturbadora.

Assim nos succedeu ultimamente, que esse comicio, — não o da bordoadá, notem bem —, o ultimo, o *da socega*, pareceu-nos d'aqui, visto pelo nosso oculo, um verdadeiro desastre, o unico desastre sério que até hoje tem soffrido o partido republicano portuguez.

Vimos os annuncios, dos quaes se eliminou até cuidadosamente a idéa de protesto contra as violencias policiaes, e combinando esta circumstancia com a de se assegurar préviamente que no novo comicio haveria socego, pareceu-nos vêr a intenção de attribuir as violencias passadas a culpa propria, e portanto, de justificar o procedimento das auctoridades.

Pareceu-nos por isso que o partido republicano abandonava o seu logar, para ir as sachristias constitucionaes entrar-se com a opa azul e branca, e vir assim para a rua, n'esse disfarce, prestar homenagem e acatamento áquillo, de que os proprios monarchicos se riem já. Pareceu-nos que era forte obrigar esse partido, que ou hade ser revolucionario ou não tem rasão de existir, a formar na rectaguarda dos monarchicos em questões de ingenuidade, pois que estes já se não occupam em pedir coisa alguma ao parlamento, e muito menos quando esse pedido possa parecer um acto de contricção...



Pareceu-nos tudo isto, é verdade, — dizemol-o para castigo da nossa ignorancia, ou pelo menos para descredito do nosso oculo.

Porque o que parece certo é que nada d'isso assim era. O oculo fez-nos a partida de nos mostrar tudo do avêso. E a prova é que o partido republicano, por intermedio das suas gazetas, apparece-nos satisfetissimo, diz-se triumphante, desaffrontado, e até recebe felicitações de Setubal, de Almada, e crêmos que tambem do Seixal.

Terá tambem as nossas. Se elle está contente e se sente feliz, ninguem tem direito a saber dos seus negocios mais do que elle.

No fim de contas, a ordem, a legalidade, o existente, são tudo; e visto que foi para manter e acatar tudo isso, que se inventaram os partidos revolucionarios, os republicanos portuguezes podem ter o legitimo orgulho de cumprirem conscienciosamente a sua missão social. Se algum praguento lhes contestar essa gloria, podem dar por testemunhas o sr. Moraes Sarmento... e os seus janisaros.

Eles, os bons republicanos, respeitam a ordem, mantem a legalidade, curvam-se ante o existente.

E' verdade que são só elles que assim procedem, más isso não diminui, antes augmenta o seu merito.

E agora que pediram ao parlamento garantias para os seus direitos, podem ter a certeza que não encontrarão mais obstaculo algum na sua marcha triumphante.

Levado assim pela mão dos seus corajosos directores, o partido republicano pôde ter a certeza de que hade ir longe... tão longe; que já nos assalta o receio de em breve o perdermos de vista.

Que curiosas coisas se-vêem n'este grande *retiro de pacatos!*



É conhecido de todos o caso ultra-comico d'um alumno da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, que foi encommendar a *These* do seu 5.º anno a um individuo completamente alheio á medicina, com a recommendação de que a queria feita a capricho. Isto é: palavras de gente fina, escovadas, postas com a correcção d'um janota á porta da tabacaria Neves; muita figura de rhetorica; prosopopéas varias, trópos e metaphoras a esmo, rojeios elegantes, circumloquios finos e varias anthitheses de facil humorismo; um ou outro dilemma; elyphses subteis a lembrar Camões; phrases curtas, incizivas com um cheiro a Vieira; alguns descriptivos, genero classico, singelos e precisos a recordar Fernão Lopes; citações bem mettidás, em diversas linguas, e bastantes, para denunciar erudição, leitura e muito aproveitamento.

Tudo isto encaixado n'um estojo de epopeia, o verbo activo e sonoro, o periodo amplo, a fórma heroica e attica.

Como encomendara a obra, o gracioso alumno, encomendou o prologo, entendendo e muito bem, que para monumento de tão subido valor devia abrir um amplo portico Manuelino, de rendilhados finos e orgulhosa ogiva.

Ora tendo-se suscitado duvidas sobre o valor do portico, o delicioso alumno, foi-se junto do commissario requisitar o original.

Tudo isto é verdadeiramente triste e lamentavel e não foi para o criticar que o recontei.

No dia da queixa do inconsolavel alumno, os jornaes souberam do facto e o *Reporter*, noticiando o, dizia-o vulgar.

Permitta o *Reporter* que lhe diga que se engana redondamente. É este um caso esporadico, unico, que me conste, na Escola Medica, onde até hoje os alumnos, teem tido a coragem de apresentar bons ou maus os seus trabalhos de these. Faça o *Reporter* a justiça de acreditar que só um cerebro atrophiado ou d'um desenvolvimento inferior pôde ir confiar a um profano, um trabalho de medicina, pelo fornecimento dos compendios.

O mesmo seria encarregar um alfaiate da construcção de uma ponte sobre o Tejo e não é natural que uma ingenuidade tão comica lavre com a vulgaridade que o collega suppone entre os nossos medicos futuros.

Que Deus nos affaste de tal.

Rectifique.



A questão dos tabacos. — Recebemos um folheto com este titulo, contendo os discursos proferidos na camara dos deputados, nas sessões de 12, 13 e 15 de abril findo, pelo sr. Mariauno de Carvalho, ex-ministro da fazenda da actual situação politica.

O erudito professor e illustre parlamentar espraia-se largamente em considerações, n'esses discursos, a respeito da legalidade do pagamento da divida dos tabacos, justificando o seu procedimento e o do governo n'esse acto administrativo; e devemos dizer que faz com talento verdadeiramente superior, no que todos, amigos e adversarios, não hesitam em concordar prestando-lhe a devida justiça.

A illustrada relação do *Diario Popular* agradecemos a offerta do exemplar com que nos obsequiou.

A illustração. — E para applaudir o empenho d'esta excellente revista artistico-litteraria, em informar os seus leitores acerca da Exposição, e muito mais ainda, pelo modo completo e interessante por que o faz. Assim pois, o ultimo numero da referida revista dá-nos magnificas gravuras e artigos a maior parte d'eiles relacionando-se com o grande certamen das artes industriaes, que actualmente prende a attenção do mundo inteiro.



Ouve: ninguem te falla de sevicias,
De mortes, de venenos; taes noticias,
Se accaso d'ellas gostas,
Não t'as venho aqui dar.

O ponto é dos mais simples e restrictos :
Tenho um processo ás costas,
Olha,—por tres cabritos.
Que não posso encontrar.

Penso que m'os roubou um mau vizinho
Que tenho ao pé da porta;
Mas o fero juiz pouco se importa
Com a minha allegação.
Diz que quer ter alli prova provada,
E que a muita parola engrinalada
Não põe nem dá razão.

E tu, com gesto largo e voz stentorea,
Pões-te a exhumar da historia
Mithridates, e Mario, e Scylla, e Mucio,
E inda muito outro sucio
Dos que andam a granel por mil escriptos;
Mas, ó Postumo, ó filho,—antes de rouco,
Vê lá, mesmo que seja muito pouco...
Falla dos meus cabritos!

Eduardo Vidal.



NO MEETING DE QUINTA FEIRA



—“AVAIXO O MANIPOLIO!”

Tondres



Quando os irmãos Andrades, esses dois notáveis artistas portugueses, que são hoje duas verdadeiras glorias nacionais, fiseram a sua época lyrica em S. Carlos, não existia ainda a *Comedia Portuguesa*, que muito se orgulharia em consagrar nas suas paginas a homenagem devida ao talento dos nossos dois compatriotas. Por isso hoje, que nos chegam as mais agradaveis noticias dos louros e triumphos que elles alcançaram um em Odessa e o outro em Berlim, e que estão agora colhendo no *Covent Garden* de Londres, cumprimos um dever indeclinavel registrando aqui o faustoso acontecimento, o que fazemos com verdadeiro jubilo, enviando aos dois tão distinctos artistas a expressão mais sincera do nosso enthusiasmo n'um fervoroso applauso!



Parece ter chegado ao ultimo suspiro a politica portugueza.

Quando digo a politica, refiro-me ao parlamento, onde ha mais de oito dias se não quebram carteiras, nem se ouvem insolencias que mereça a pena referir.

Passou ao «segundo estado» esse touro famoso que se chama a — Camara popular — e agora não ha chamal-o para o meio do circo, tomou crença, entrincheirou-se, de vez.

Apenas, na Camara dos pares, um relógio de repetição iu dando origem a uma pendencia grave entre

dois nunes, pendencia que, felizmente, abortou nas mais cordeas explicações. D'aqui se mostrou a inconveniencia dos relógios camararios terem o mesmo costume que os legisladores — o repetirem-se. Os relógios, deve dizer-se, são mais generosos: não fazem pagar-se a rethorica, em excesso, das suas orações batidas.

Assim a questão do relógio deu-nos a grata noticia de que existia ainda a Camara Alta, duvida que muita vez nos punge, pelo seu silencio constante; porque esta senhora é d'um comportamento exemplar — nunca dá que fallar de si! Verdadeira matrona.

Na camara dos deputados, fallou pela primeira vez, o deputado Guerra Junqueiro. Não foi lá muito cedo para o tempo em que sua excellencia possuía a faculdade de satirizar n'aquella casa, mas emfim, não foi ainda tão tarde que não possa sahir, lá para d'aqui a dois annos, o seu discurso no diario das Camaras.

Divergimos d'algumas affirmações d'esse discurso, onde ha bellas frazes.

Assim diz o poeta:

«Nunca um só artista foi ou irá de chapu de bicos e farda agaloadá caminho da immortalidade. Nunca o canstia,

co d'uma gran-cruz trouxe á suppuração uma obra prima. Nunca uma corôa heraldica, de barão a duque, fez nacer na testa de quem quer que fosse a bossa do talento. E o proprio homem de quem estou fallando e a quem ha annos, n'esta mesma casa, **puzeram uma alcunha nobiliaria**, não conseguirá encobrir com o vis-

condado de Correia Botelho, o grande nome glorioso de Camillo Castello Branco.»

E' falso o primeiro periodo, entre nós; tãb falso que é justamente o contrario.

Nenhum artista entre nós deixa de ter chapeu de bicos e farda, que seja da Academia Real dos Sciencias ou simplesmente do «Club Recreativo» ou ainda da phi armonica do bairro.

Quando não pertença a qualquer dos grupos mencionados, a nação tem o cuidado de o fardar, á força, por que o faz deputado como ao illustre orador, ou ministro da marinha, ou em ultimo recurso pôr-lhe uma alcunha nobiliaria, que arrasta ainda o dever da farda e do chapeu de bicos, em todos os actos officiaes, do mais insignificante ao mais sério, da procissão de S. Jorge, á morte.



Ora sendo a morte a porta da immortalidade, já vê o illustre poeta que os nossos artistas não só vão de chapeu de bicos e farda a caminho da immortalidade, mas se lá entram é justamente n'esse bello preparo.

Não será necessario citar nomes dos nossos immortaes fardados, creio eu; seria longa a lista.



Ao contrario, concordamos plenamente em que as corôas nunca fizessem bossas de talento.

Que fazem muitas bossas as corôas não ha que duvidar; mas nunca se lhes deu esse nome, antes outro mais euphonico e mais rijo. Isto dando ao talento a verdadeira significação, porque aliás discordamos novamente. Nenhum de nós deixa de conhecer cavalheiros nas mais elevadas posições sociaes, elevados até essa grandeza pelo talento... das bossas!

Se até então esses individuos não tinham mostrado talento, se depois do apparecimento das bossas é que esse talento se mostrou, é logico concluir que o talento veio n'ellas.



Como lhes devremos pois chamar?:
Bossa de talento. Está claro.

O poeta commenta o estado financeiro do paiz:

... apesar da maré de riqueza que nos inunda; *apesar da cheia torrenciosa de ouro judaico. que ha dez annos a esta parte tem depositado sobre a sociedade portugueza um nateiro... que não é positivamente aurifero, e cujos miasmas envenenadores nós todos sentimos e respiramos;* em summa, da prosperidade dourada e vertiginosa, quer a consciencia individual, quer a consciencia collectiva da nação, *segreda-nos intimamente que Portugal vae baixando, embora os fundos vão subindo.*

Com isto estamos d'accordo; conhecemos porém uma pessoa que o não está—é o sr. Marjanno, do Popular.



—Estes poetas a metterem-se agora em questões que não entendem. Pensam que isto é fazer alexandrinos!
Estou a ouvi-lo.

Foi a proposito da pensão offerecida a Camillo Castello Branco que o poeta fallou.

Começara assim:

«Sr. presidente, n'uma época e n'um paiz em que tudo se alcança e se consegue quasi que unica e exclusivamente pela politica, *quando a politica é esta comedia triste que todos nós sabemos, e em que todos nós concordamos... ali dentro nos corredores...*



E eu puz-me a pensar: A concessão da pensão, grata a todos os espiritos, estando no animo de todos como indiscutivel e justissima homenagem ao grande escriptor teria o voto unanime da camara.

Como manifestação particular, manifestação de apreço, de apoio, de felicitação ao grande romancista, seria mais significativo um aperto de mão, intimo, na sala de visitas do grande mestre, do que um discurso.

E logo me veio á memoria a nossa politica, *ssae comedia triste que todos nós conhecemos* .. e que nunca ouvi o poeta, que não me lembra que fallasse .. protestando.

E d'aqui pareceu-me concluir que se o illustre deputado fallou magnificamente, como lhe impunha o seu grande talento, tambem fallou, justamente, na occasião em que, sem merecer censura, podia muito bem ficar callado!

Ah! sim são effeitos da farda e do chapeu de bicos... E' o meio!



Epilogo.

Não pertence á comedia portugueza o facto em questão E' da Comedia Humana. Mas ha factos singulares que saltam as fronteiras e vão ferir todas as sociedades como uma nota estranha que rompesse de chofre no ram-ram da vida somnolenta, burgueza, de todos os dias.

O duplo suicidio do principe Rodolpho e da baroneza de Vetscera teve entre nós a celebridade d'um facto grave e desusado que alvoraçasse a Baixa, que espantasse a cidade.

O epilogo d'um drama, o ultimo capitulo do romance sentimental d'esses amores celebres, amores que tecm já hoje um quê de lendario — amores de principes das antigas historias — resume-se na local singela d'um jornal estrangeiro.

—No zemiterio de Heiligenkreuz, perto de Vienna, ha uma lapide com esta inscripção :

MARIA

BARONEZA DE VETSCERA

Nasceu a 19 de Março de 1871

E morreu

A 30 de Janeiro de 1889

Um pouco abaixo em caracteres menores :

A vida é uma flôr: besabrocha
e matam-na!

(Tobias 14, 2.)

É delicioso e significativo o commentario. Uma lamentação d'onde se evolva finamente uma censura, impregnada d'uma tristeza tão grande, como simples.

Dezoito annos, uma belleza rara, um nome, uma fortuna, um grande amor!

Todos os sonhos, todas as alegrias, todas as esperanças, luctas, beijos soffregos, castellos dourados, illusões, está tudo alli!

Se a vida é uma flôr, como ellas, quanto melhor lhe não será muita vez cahir no temporal, do que murchar no calor vicioso d'um colo mercenario.

Morrer! dormir... sonhar, talvez!



SANTO ANTONIO



Gosto muito de cravos
 por serem lindas flores
 vejam todos como e lindo
 este que xeira a amores.

Desculpa ser este cravo
 tão mesquinho em valor
 se elle é de papel de seda
 é de velludo o meu amor

São como as luzes da Avenida
 os teus olhos Luiça amada
 quem teima em os fitar
 depois não vê mais nada.

TYPOS DA PRAÇA

(NOTAS SOLTAS)



O jogador das cartas

O cigano

*Insueto da Real Academia
e Amador de Musica*

Uma alcaçofa que vale um poema.



SANTO ANTONIO

(NOTAS SOLTAS)

E' o mais sympathico dos nomes santcs.

Mais poder do que elle, de mais virtude, mais pezo na balança popular que avalia meritos, influencias e gerarchias na corte celestial, algum outro terá. Mas maior sympathia, não.

E' o santo das mulheres. Elle tem na mão o condão supremo de arranjar—um noivo!

Com esta faculdade, o filho venturoso de Lisboa, pôde gabar-se de gozar todos os dias, como nenhum outro, o suave encanto d'uns olhos ternos que pedem, dôcemente, na humidez setinosa da pupila, a realisação d'uns loucos sonhos, d'umas venturas longamente pensadas e que se distanciam sempre, na anciedade do coração feminino.



Alegria sua imagem. E' novo, favoreceu-o Deus com a bondade summa e uma ponta de malicia que o torna ainda seductor e humano, que o arranca um pouco á gravidade mystica do fallar e do porte, e que o nivella ao namorado folião, que espregueira, á noite, as raparigas que vão, pelo luar, encher as bilhas, ás fontes, e lh'as quebra, á força de travessuras, em que o amor não deixa de entrar, bulhento e atrevido.

Sabe-lhe todos os milagres o povo.

Como elle salvou o pae da forca; como concertou a perna cortada; como fazia que as parreiras d'essem uvas fóra de tempo; que um leve bilhete pezasse mais do que um monte de ouro; como dava a vista a cegos com o halito, e muitos mais casos estupendos que em vida operou.

Mas não é por isso que elle o adora, que lhe accende as fogueiras, que lhe orna os altares com as melhores flores, que lhe faz festas, e dança, pela noite fóra, ao som das guitarras, e dos adufos, em redor das crmiditas caídas, solitarias, que o luar branqueia.

Não; é porque elle é o santo dos amores sem esperança, dos corações que padecem, das virgens que soluçam; o santo do amor humano, cheio de perfumes, de alegrias, de maguas e de encantos!



E' o que pôde unir as mãos debaixo d'uma estola, é o santo... do casamento!

Vem-nos a triste ideia de que no futuro o nosso bom patrio vai ter um concorrente.

Concorrente sério, o santo do—divorcio!

Esse será então o querido dos homens, o amigo do sexo forte, o libertador, como Lincoln, ou o Sr. D. Pedro IV de saudosa memoria.



Mas pouca sorte poderá ter o bemaventurado. Nem a musica dolente, nem a cantiga afinada e cristalina, nem a prece virginal d'um peito casto, nem a lagrima da mulher—esse poema mudo de ternura infinita—nem o altar cuidadosamente florido, elle encontrará a provar-lhe a gratidão d'aquelles a quem alcançar a sua intercessão e favores.

O mais que poderá ter: ! Um tirar de chapéu, um aperto de mão e a voz grossa d'um homem a agradecer-lhe: — obrigado, meu amigo, muito obrigado!

Que semsaboria!

Santo Antonio de Lisboa tem ainda a felicidade de ser, apenas, importunado pelas mulheres novas.

Até n'isso é feliz o bom santo.

O patrono dos velhos, o casamenteiro das quarentonas é outro: — é S. Gonçalo de Amarante.



É a elle que a critica popular, n'um momento de despeito, perguntou, talvez pela bocca d'uma alegre rapariga que fitava, na roda, o namorado que lhe sorria:

S. Gonçalo de Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Por que não casais as moças,
Que mal vos fizeram ellas?

A resposta não se conhece, bem.

O bom de S. Gonçalo teria talvez a predilecção que entre nós se tem accentuadamente distinguido muitos politicos de pólopa?

Sympathias.



A esta hora na Praça de Figueira, vai um borborinho enorme, de guinchos, de apitos, de conversas, de gritos de cornetas.

Uma multidão encalmada ondeia pelos arruamentos, move-se, grita, empurra-se. Compram-se cravos, vasos de mangerico, ramos de flôres campestres. Estrugem aos ouvidos os rouxinoes de barro e n'aquelle inferno de milhares de vozes de sons dispersos, ouvem-se vagamente os sons das guitarras desafinadas que animam os bailaricos dos padeiros e das varinas, sob novos candeeiros de gaz, ao sopé da estatueta do dadôr.

Um estrangeiro que nos visite n'esta noite terá uma impressão de um desagrado extremo.

A multidão é grosseira, cheia de ditos chulos, os cantares avinhados, as mulheres pouco limpas e desgraciosas.

As familias prepassam carregadas de mangericos e de alcachofras, de cravos pintalgados, typicos, inverosímeis.

A musa popular, a musa reles do ajuntamento bonancheirão, não a viva e fresca musa do terreiro d'aldeia, do baile domingueiro, solta uns madrigals engulhentos na bandeirinha que pende graciosamente na haste das flores.

Ha um quê de selvagem, de brutal, de repellente na festa. Os ebrios abundam, as meretrizes pavoneiam-se escandalosamente, a prostituição clandestina revella-se na fraze ou alvar ou torpe.

Ha grupos abjectos de fadistagem em gala e de pobres raparigas, de chailles sujos, dentes e cabelos, lenço para a nuca, riso facil e beijos gretados.



A nota realmente bella é a da praça, em si. Os cogulos da fructa, o verde tenro das hervagens, o aroma campezino que sahe das mezas, por entre as rumas das hortaliças, enganamos o pulmão a fazel-o suppor em pleno campo, e evocam em nós um bem estar animal que se sente ao respirar o ar amplo das lezirias, depois de ter afogado o peito no ar infecto das capiteas.

Cá fóra pelo Rocio ha grupos que fingem danças, fandangos idiotas, cantares avinhados e pulhas.

E n'isto se passa a noite, festejando-se o virtuoso portuguez. A lua passa sorrindo sobre estas scenas indignas d'uma capital e pede á madrugada que se apresse, para chegar a hora de se varrerem as ruas.



As Alvoradas d'Abril. Um livro de versos que um poeta, novo, D. João de Castro, teve a amabilidade de nos enviar.

A critica do livro está feita por Camillo Castello Branco, com a auctoridade absoluta do mestre n'um pequeno prologo com que o livro abre.

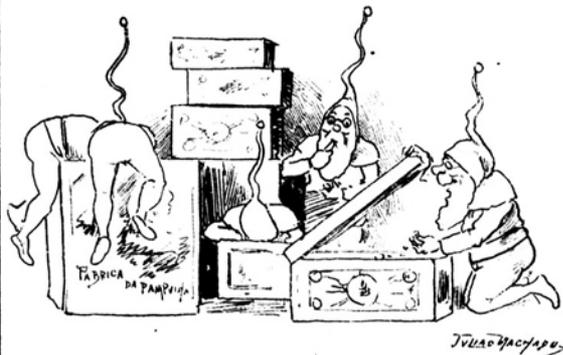
— «Pareceram-me a refulgente aurora d'um dia que ha-de ser bello. Se a intenção do auctor é estampal-os (os versos) desde já, figura-se-me que esse bello dia que eu lhe vaticino possa ser assombrado de ter vindo cedo de mais acolher os louros que de certo hão-de engrinaldal-o se elle vier á imprensa á hora em que deve vir.»

E, de verdade, encontra se no novo poeta uma sensibilidade fina e muita espontaneidade. Não tem arrosjos nem esforços. O mais simples assumpto o captiva e impressiona.

D'ahi o cantal-o. A fórma é porém muitas vezes defeituosa, o verso pouco cuidado e incorrecto.

Todavia contem o livro verdadeiras bellezas que os defeitos d'uma estreia, em verdes annos, não conseguem empanar.

Ha poesia dentro d'aquelle livro. Tanto basta para o recomendar-mos e felicitar-mos o auctor.



Eduardo Costa, o sympathico industrial que todos conhecem — porque elle teve a estranha habilidade de se fazer indispensavel no lar, á noite, durante o chá — enviou-nos uma infinidade de latas cheias dos mais caprichosos biscoitos que a sua fabrica produz. Entre as muitas marcas que nos enviou ha uma que elle intitulou: — *Homenagem a Eduardo Coelho*. Pela muita sympathia que consagramos á memoria d'este nome, jámais o nosso dente penetrará na massa de tão respeitosos biscoitos. Todavia, um amigo menos escrupuloso segreda-nos:

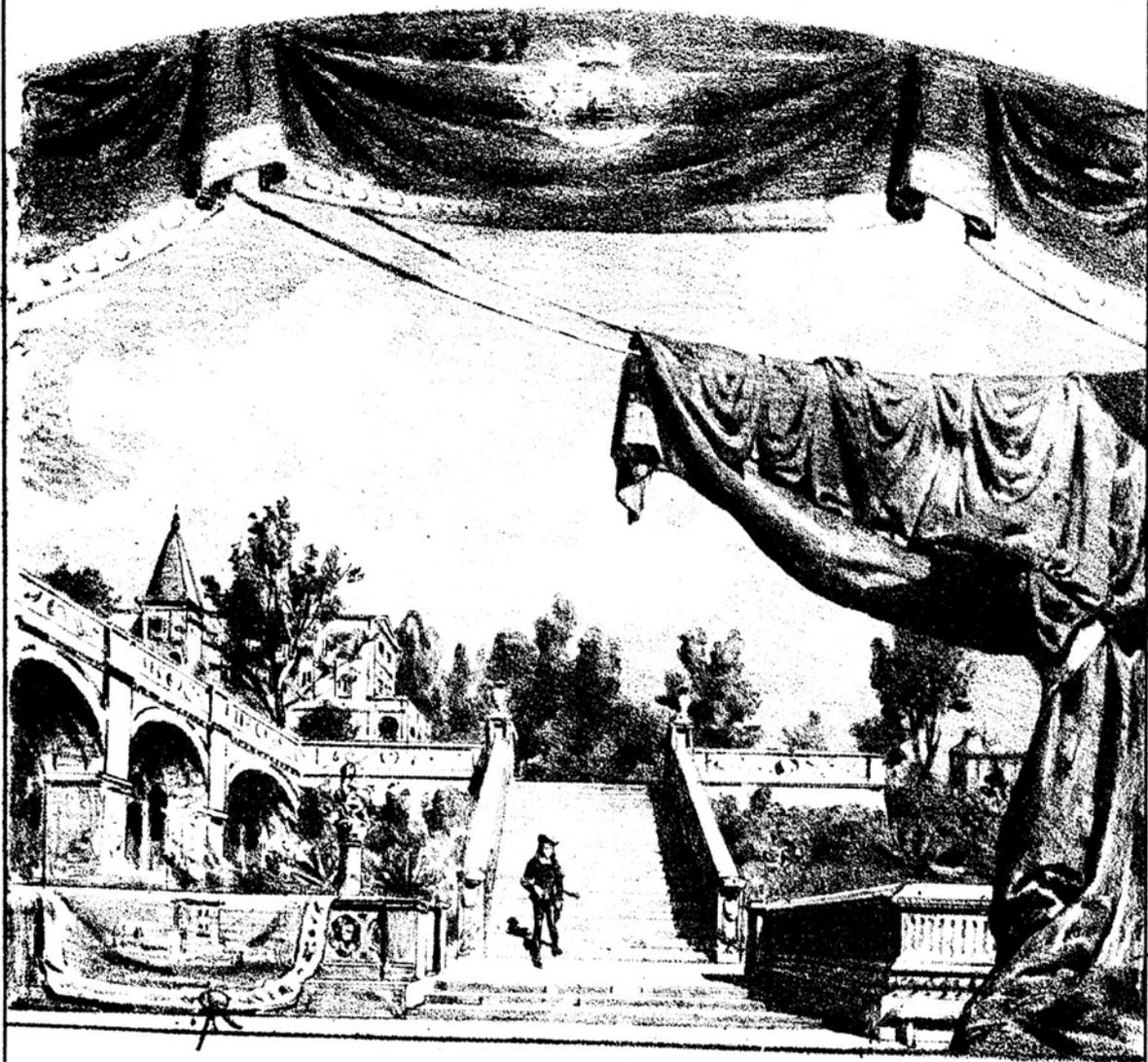
— São saborosissimos!

Maroto!

Dos outros vamos ajuizar, — mas antes receba o nosso amigo Costa os nossos agradecimentos.



PANNO DE BOCCA PARA O THEATRO GARCIA DE REZENDE EM EVORA



Encarregaram-se gentilmente de fechar com chave de ouro o nosso numero de hoje, dois artistas cujos nomes são largamente conhecidos do nosso publico que tem o singular capricho de se interessar por cousas d'Arte. A extrema condescendencia de Antonio Ramalho e João Vas devemos o prazer de publicar hoje o *croquis* do panno de bocca, que elles concluíram para o theatro de Evora.

Não nos compete fazer a critica d'este trabalho. Demasiadamente lisongeados, a nossa opinião poderia ser tomada como suspeita. Simplesmente nos penalisa que os nossos leitores não possam ajuizar da grande propriedade e frescura de colorido, que faz d'este panno de bocca uma verdadeira obra d'arte. Que os dois distinctos artistas recebam os nossos agradecimentos,—e Evora as nossas felicitações.





Começou decididamente o verão.

Calmaria em toda a linha.

Fecharam os theatros e a vida da capital começa a entrar n'aquelle periodo de interesse, só comparavel a um discurso parlamentar, ou a uma dissertação sobre o cultivo da beterraba, ou da ortiga branca.

As camaras agonisam. Os oradores começam a pôr de lado as laminas embotadas dos montantes, com que amolgaram a armadura governamental, sem conseguirem derrubar

o colosso experimentado e desconjunctado, em cem combates.

No equilibrio instavel d'um boneco de sabugo, o grupo politico que nos rege, agredido, empurrado, ferido, prostrado com uma cacholeta, atirado a terra com um boté de Jarnac, teno conseguido, mercê da bola de chumbo d'uma audacia unica nos anpaes da patria, enrijar as articulações lasso, tonificar a musculatura dorida das sovas e apurmar o corpanzil cheio de nodos negros com a altivez d'um espantalho de ceára, no alto d'uma figueira!

Um espanto!

Mercê da bondade opposicionista, o governo vaé fazer a as novas eleições e mostrar ao paiz que desconfia da sua força, que nunca em Portugal houve confiança e creença n'um grupo politico igual á que elle possui.

Para isso elle enviará ordem a todos os pontos do paiz que haja a maxima liberdade na eleição, para que se não compere um voto nem falsifique um recenseamento, para que admistrador algum, governador civil, ou cabo de policia exercça a mais insignificante das pressões sobre os seus subordinados, sobre o povo, o supremo juiz, e que elle quer desafloja do, livre, liberrimo, na expressão do seu voto.

E para o anno vel-o-hemos entrar novamente na vanguarda da sua maioria, altivo com a victoria e conscio de que a salvação da patria e das batatas lhe é devida, em compensação de se lhe não dever a solução da crise agricola, e outras bagatellas d'este jaez.

E a cantata da opposição virá mais uma vez estontear papalvos e massar tachy-

graphos, até que o bom vento do acaso se encarregue de a destronar, proeza que não foi concedida ás vozes das supremas indignações de theatro de feira, aos meetings temiveis em que cahiram orelhas de circumstantes envoltas com cabeças de dedos minimos, aos jornalistas cheios do santo amor da patria estendido em artigos de fundo, capazes de fazer revoluções em quatro linhas, revoluções sanguinarias, revoluções terriveis na economia politica, no bom senso e na grammatica!

E a patria continuará a esperar e admirar attenta, e as diarias continuarão a ser pagas, e os soldados da opposição tornarão a vibrar os montantes afiados no estudo e no plano de seis mezes de folga por aldeias nataes, ou praias refrescadoras.

Será o inverno que chega, novamente, pleno de espectaculos, de comedias, de ridiculos.

Que elle chegue depressa!



Um collega dando conta d'um conflicto, na rua de S. Julião, em que dois sujeitos se soccaram, exclama: duello á portugueza e brioso para ambas as partes.

Como serão os duellos á hungara?



Dizem:

— Consta que a Associação dos logistas de Lisboa, está resolvida a intervir na expropriação dos predios da praça de D. Pedro.

As *Novidades* appella para a imprensa no sentido de contrariar as referidas expropriações porque quebram a linha architectonica da melhor praça de Lisboa.

Começa por ser muito curioso que uma associação qualquer se vá metter de permeio n'um negocio particular, com que não tem nada e acaba a delicia pela graciosa local explicar a ultima inconveniencia, o vandalico da acção projectada, que vae quebrar a linha architectonica da praça de D. Pedro.

Sente-se a gente atirada ao seio d'um povo cioso dos seus pergaminhos da arte, imaginamo-nos em plena Grecia, na velha Roma, na celebre Florença!

Que pena se quebram a linha architectonica do Rocio e não quebram a cabeça aos camaristas que consentem a construcção de predios inverosímeis, em gosto, como alguns se tem feito na Avenida da Liberdade e se estão fazendo ainda!

Mas se quebram a linha architectonica do Rocio, adeus ó famas de Alcobaça, da Batalha e dos Jeronymos, que vos ides na maré baix. das illusões desfeitas.

Quando nos dá para sermos comicos não ficamos nada a invejar aos Prudhom e aos Calinos.

Antes pelo contrario.

Agora defendemos a linha; depois de deixar-mos andar á solta, por toda essa cidade, por bolsos e algibeiras a parte mais preciosa do aparelho—o anzol.



A RECEITA

Meia deitada na *chaise-longue*, o corpo reclinado n'um flacido almofadão de setim *vieill'or*, uma doce pallidez na face, o olhar enristecido e languido, a baroneza olhava distrahadamente, como n'um cansaço intimo, as illustrações delicadas d'uma brochura recente.

Um vestido da manhã envolvia-lhe desafogadamente o corpo delicado, cuja brancura ressaltava no anel flocoso de rendas inglezas que lhe descia da nuca, pelo meio dos hombros, á linha media do peito, no ponto onde uma leve sombra começava a manchar a alvura leitosa da epiderme.

Tinha os braços nus: d'um contorno raro, d'um modelado perfeito e uma brancura inexcelsível. E como repousasse os pésitos cruzados, no tamborete cheio de ramagens azues de uma seda antiga, toda a graça voluptuosa dos contornos, premia de dentro, no classico das linhas, o setim espelhento da *matinée*. em ancias de liberdade.

Estava realmente bella a baroneza com o ar de criança amuada, a tristeza infantil do seu olhar azul, o rosto sombreado por uma nuvem de dó que lhe fazia contrahir, n'uma expressão longiqua de choro, os cantos dos labios cortados n'um til getilissimo, d'uma graça cheia de fina ironia.

Esperava o medico.

Desde a noite anterior que o não via, que *elle* não viera, que não lhe apparecera. Estava doente. Tivera febre, não tinha podido dormir.



O doutor entrou, grave na sobrecasaca comprida, abotoada até ao collarinho quebrado, um ar de riso complacente.

E enquanto descalçava a luva da mão direita, sentado muito perto, no fauteuil que a criada tivera o cuidado de aproximar, com a naturalidade d'um facto habitual, interrogava entre serio e cuidadoso:

—Então? que temos, hoje?

E estendendo a mão, com aquella despreoccupação que os medicos sabem tão bem fingir junto das mulheres formosas, premia-lhe com as poipas dos dedos, o punho fino, o denunciador do coração, emquanto com o olhar lhe interrogava a face magoada pela vigilia.

— Conte-me o que tem sentido.

E ella poz-se a contar:

—Eu estava bem: hontem pela meia noite comecei a sentir-me mal. Uma anciedade, um mal estar, como se me faltasse al.uma coisa; um pezo extraordinario no coração, que me fazia, por instantes, vontade de chorar. Todavia eu não tinha causa alguma que justificasse este estado. Ceiaei ligeiramente. Pretendi disfarçar imaginando-me victima d'uma indisposição passageira. Peguei n'um livro. Era uma historia d'amores. Ao fim da primeira pagina tive de desistir da leitura porque não via: estava realmente a chorar. Cahi em mim: achei-me ridicula; o meu choro pareceu-me uma phantasia, uma puerilidade e despertou-me o riso.

«Senti vontade de fallar alto, de rir, de que me ouvissem, de me ouvir a mim-propria e fui para o piano e cantei. Cantei muito, cantei muito alto, cançonetas, alegros, tudo o que eu sei de divertido, de ligeiro, de alado, de hilariante.

«Fiquei melhor. Menos opprimida, menos preocupada.

«Resolvi deitar-me. antes porém fui ao terraço, parecia-me que me faria bem um pouco de ar. A noite estava lindissima, serena: noite de verão, cheia d'uma claridade vaga, pouco intensa. A magnolia do jardim cobria-se de grandes estrelas de prata, que exhalavam um perfume intenso, sacudidas pelo vento.

«Creio que me fez mal o aroma. Senti a cabeça a doer-me, recolhi-me e fui-me deitar. Adormeci difficilmente. Sonhei toda a noite, com passeios de carruagem pela borda do mar, com bailes, onde passavam pares fortemente illuminados por uma luz azul intensa, dizendo se madrigaes, apertando se mutuamente, e cruzando n'uma expressão de reciproco enlevo os olhares cheios de carinhos.

«Tive febre, creio eu. Mal dormida, a madrugada despertou-me completamente e nunca mais pude socegar.

«Levantei-me, a pizei um pouco do ar fresco da manhã e pareceu-me ter-me feito bem.

«Descancei um pouco. Deitei-me para aqui e mais socegada pretendi ler. É me impossivel. Tentei almoçar e não o consegui. Renova-se-me o mal estar e salteia-me continuamente, alternadamente, o riso e as lagrimas.

«Soffro, não vê. O que será isto doutor?

— Diz então que nenhuma contrariedade a impressionou desagradavelmente?

Ella hesitou um pouco.

— Nenhuma!

— Nem a mais ligeira?

— Oh! sim, esperava que D. João me trouxesse umas musicas...

N'isto a creada entregou, n'uma salva, um bilhete de visita. A baroneza leu alto: D. João de Mello.

Tingiu-se-lhe levemente a face e os olhos brilharam.

O medico levantou-se.

— Então doutor vae receitar?

— Se v. ex.ª o deseja, mas de viva voz.

— Então que hei-de fazer?

— É simples, e, apertando-lhe a mão, com um riso de velho amigo, intimo: — mande entrar esse senhor!

O rosto da baroneza encheu-se de subito d'uma viva côr de rosa. que esmorecia emquanto o doutor cruzava, na porta, D. João que entrava.

Mendo.

A PROPOSITO DO "CORPUS CHRISTI"

Não podendo faltar aos meus leitores e demais do se redação, o
detalhado processo do Corpo de Deus, lembrou-me de escrever um
pano mais interessante de outra vulgar praticada, não menos curiosa, e de
Corpo de Homem, através dos acontecimentos da vida.



O Natal.



A baptisem moral. Vulgo: Baptisem.



A dispensa do phlegma.



O guarda-chova.



A inflexão moral. Vulgo: Inflexão.



Consequencia.

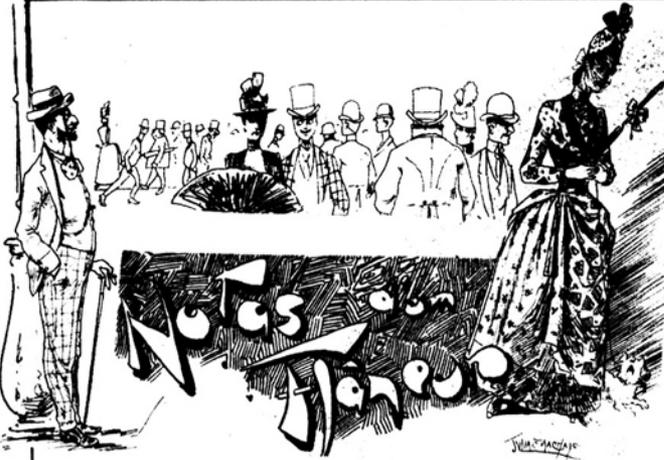
Homem ao mar!



Preparativos da viagem.



Xô! Xô!



A festa em honra do santo protector das batalhas tinha, antigamente, todo o apparato d'uma peça de grandioso *mise-en-scène* e numerosa comparsaria.

Já de vespera Lisboa se paramentava de galas, tomava o seu banho aromatico, engranava os seus cabellos, e, apenas o sol batia triumphante e victorioso nos pincaros das seranias em volta, a capital, alvoroçada, saía para a rua, contente e feliz, n'um reboliço enorme de risos e alegrias.

Vinham de longe hymnos festivos, toques de corneta, rufos de tambores e, a pouco e pouco, iam apparecendo os regimentos de barretinas empenachadas, cinturões burnidos e armas scintillantes, seguindo entre os magotes do povo madrugador, que ia vel-os reunir sob os arvoredos melancholicos do antigo passeio publico. Garboso tambor-mór, manobrando, agilmente, entre os dedos, o seu grosso bastão, entre-tinha a turba curiosa que se acercava e sómente se afastava para dar passagem aos velhos generaes emplumados, reluzentes de condecorações e grã-cruzes, que iam passar as tropas em revista.

A esse tempo S. Jorge montava já o seu rocicante, trajando pomposas vestes e vistoso chapéu de pedrarias, aprumando-se, como qualquer *sportman*, sobre o dorso do fogaoso animal coberto de rico xairel e dourados jaczes. Nas baterias troavam os canhões e a multidão corria, pressurosa, d'um para outro lado, em procura d'um ponto d'onde visse bem o cortejo.

A cathedral dirigiam-se os magnates nas suas luxuosas equipagens e nos balcões, emoldurados de colchas e damascos, appareciam graciosas figuras de mulheres envoltas em *toilettes* frescas de verão, debruçadas para os seus namorados garridos que estrejavam, n'esse dia, as suas calças e colletes brancos, passados cuidadosamente a ferro.

No topo da calçada já se divisavam as farpellas escarlates dos pretinhos e o som dos seus piñanos e tambores destacava-se no meio d'aquelle borburinho de vozes. Apoz caminava, vagarosamente, o prestito do Santo, o seu pagem de loiros cabellos annellados, o homem de ferro, dentro de pesadas armaduras, os cavallos da real casa de coberturas bordadas; depois um sem numero de irmandades de cruz alçada, sacerdotes de rostos escanhoados, passeando, vaidosamente, os seus priorados felizes, enquanto outros serviam aos olhares curiosos, em almofadas de velludo, as mitras crivadas de rubis e esmeraldas; as basilicas altivas davam realce ao quadro scenographico e logo em seguida passava docemente o pallio desdobrado sobre a cabeça patriarchal, empunhando as varas os grandes do reino, os moços fidalgos e grã-cruzes, os commendadores da Conceição com os seus mantos de gaze, o monarcha, rodeado dos seus gntishomens; caíam das varandas punhados de flores, ao mesmo tempo que a soldadesca inclinava armas e o povo se descobria respeitoso e solemne.

D'essa festa ruidosa vive hoje, apenas, um pallido reflexo. Lisboa dorme, tranquillamente, a sua madrugada e não corre, com o mesmo enthusiasmo, a ver o Santo, que vae perdendo os admiradores dos seus milagres da mesma forma porque vae perdendo as pedrarias do seu chapéu. O cortejo vem mais pobre e passa envergonhado pelo largo quasi deserto e desguarnecido de pompas.

Ao contrario da nossa visinha, a Hespanha, que mantém nas suas tradições, a pittoresca originalidade dos seus costumes, nos vamos acabando com tudo—desde as touradas até ás procissões...

Moura Cabral.



A experiencia do vapor «Ambaca»

A direcção da «Empreza nacional de navegação para a Africa Portugueza» teve a amabilidade de nos convidar para assistirmos á experiencia do primeiro dos seus novos vapores, a qual se realisou no dia 15 do corrente. Era meio dia quando entrámos no novo barco, que se balouçava gentilmente em meio do nosso formoso Tejo, possuido certamente do mais legitimo orgulho por sustentar no seu dorso um tão imponente e garboso vapor, no tope de cujo mastro tremulava o pavilhão portuguez.

Os nossos collegas da imprensa diaria já se encarregaram de descrever publicamente, e com a mais completa minuciosidade que póde inspirar uma boa e cuidadosa *reportage*, todos os detalhes do novo barco, desde o seu comprimento e largura até... ás pollegadas que tem cada uma das manivelas. Por isso nos dispensamos d'esse encargo, por demais fastidioso.

A nós só nos resta, pois, agradecer o delicado convite, afirmando que passámos umas quatro horas adoravelmente, que comemos e bebemos com um delicioso appetite, e que nos retirámos com uma grande saudade.

Na primeira pagina d'este numero, o nosso illustrador exhibe todas as impressões que lhe deixou o esplendido passeio fluvial. Para ella enviamos os nossos leitores, certos de que sempre aproveitarão melhor o seu tempo.



Amorosas.—Um volume de contos proprios da estação que decorre. A sua frescura, a par da elegancia da prosa, fizeram-nos passar agradavelmente algumas horas do calor. É um livro recommendavel, que tem tanto de aperitivo como de refrescante. A *Rabelais*, o elegante contista auctor do volume agradecemos o exemplar com que nos brindou.



EXPOSIÇÃO DE GYMNASTICA

Realisou-se, no domingo ultimo, a exposição de gymnastica na Escola Academica, o magnifico e afamado collegio, dirigido pelo sr. commendador Antonio Florencio dos Santos. Os trabalhos dos alumnos foram deliciosamente executados e o agrado dos espectadores demonstrou-se amplamente em successivas salvas de palmas. A gymnastica, elemento indispensavel da educação moderna, tem n'este collegio, desde longos annos, um cultivo esmerado e distinctos cultores. No nosso tempo de alumno lembramos de conhecer alli gymnastas, como nunca encontramos nos mais afamados que tem visitado a capital. Os mais difficeis exercicios eram executados com uma facilidade e naturalidade inexcediveis. O desenvolvimento physico dos alumnos percebia-se com extraordinaria rapidez depois de poucos mezes de exercicios, justificando plenamente a influencia decisiva sobre a organisação. E' talvez d'esta educação moderna perfeitamente dirigida que a Escola Academica conta entre os seus alumnos homens das mais elevadas posições sociaes. Como quer que seja, é indiscutivel que esta Escola é o primeiro estabelecimento de educação em Lisboa, honra que cabe indiscutivelmente ao seu digno director. Assistiu aos exercicios o ex.^{mo} sr. José Luciano de Castro que não poupou elogios aos alumnos, ao professor e ainda á ordem e ao accio da escola, que visitou. Nós dirigimos a nossa felicitação mais incera ao sr. commendador Santos.

JINTIMO

Eu antes queria vêr te, ó minha amada,
Deitada n'um caixão, amortecida,
Tua face morena desmaiada
Teu coração parado, sem ter vida,

Do que te queria vêr, rola adorada,
Rola do ceu d'algun pombal fugida,
Pelo braço d'alguem ir amparada
Que não fosse eu, creança estremecida.

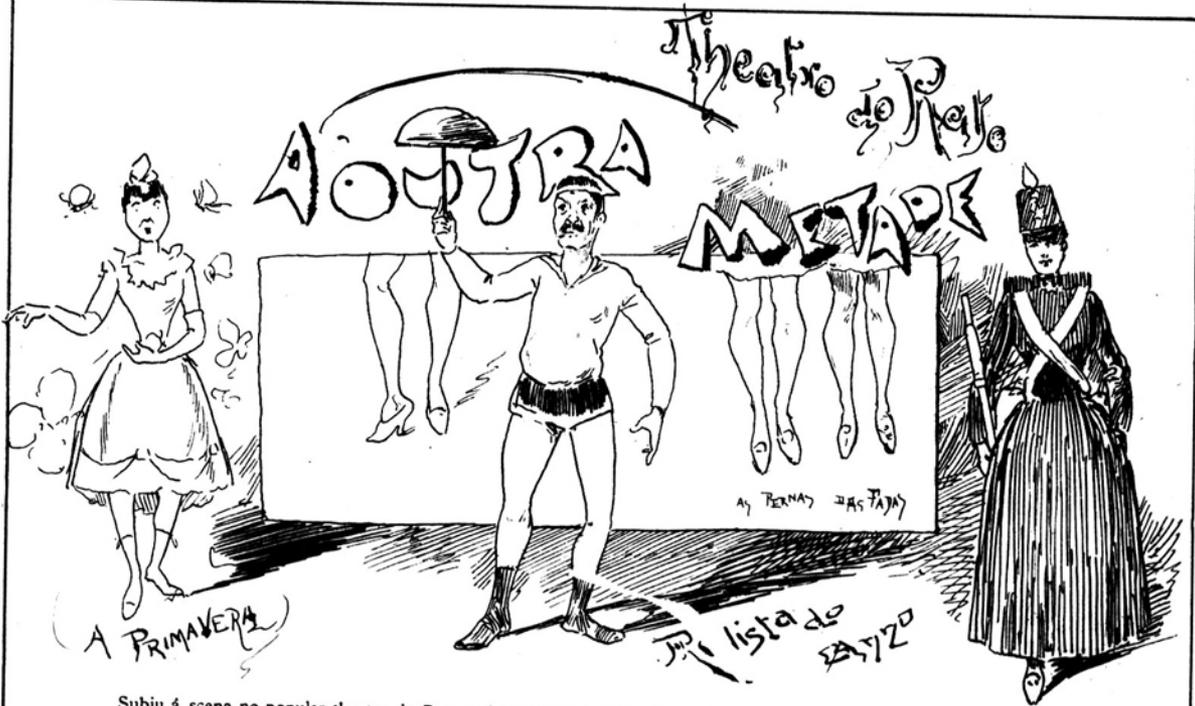
Eu antes queria ver a tua alma
Voando no azul serena e calma
A demandar o luminoso ceu,

Do que saber que tu me desprezavas
Que o meu amor, o meu amor trocavas
Por outro amor que já não fosse o meu.

ANTONIO DE LEMOS.

Este soneto, incorrecto como é, denuncia um poeta. Tão amáveis e modestas foram as palavras que o auctor nos enviou, que não podemos deixar de lhe mostrar que o apreciamos publicando-o. Que lhe sirva de incitamento ao trabalho e que progrida, eis o que sinceramente lhe desejamos.



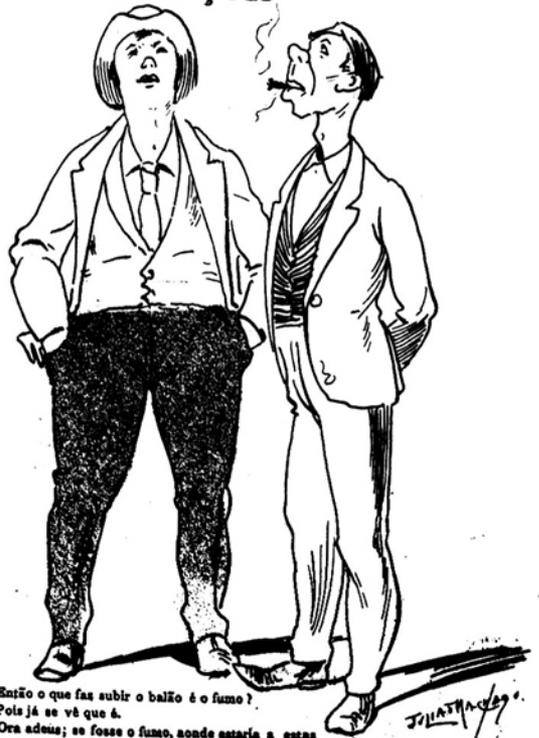


Subiu á scena no popular theat'o do Rato, sob o picaresco titulo de — *A Outra Metade* — uma revista dos acontecimentos do primeiro semestre do corrente anno. E' seu auctor o sr. Ludgero Vianna, já bastante conhecido por este genero de litteratura dramatica, de um sabôr muito agradável ás platéas populares. A sua nova revista não desmerece em nada com relação ás anteriores; antes lhes sobresa e vantajosamente. Pena é que elle não encontrasse melhores interpretes para a sua peça, que está posta em scena com bastante apparato e contém bellos trabalhos do scenographo E. Reis.

A PROPOSITO DAS ULTIMAS ASCENÇÕES



O amor das mulheres.—Muito brilho, muita graça... clak... fol-se!



— Então o que fas subir o balão é o fumo?
 — Pois já se vê que é.
 — Ora adeus; se fosse o fumo, aonde estaria a estas horas a minha chambô.
 J. MATHIAS/69

SENORITA D. MARIA MONTES



A Comédia Portuguesa presta hoje, n'este lugar de honra, a homenagem devida á gentilíssima cantora D. Maria Montes, que debutou hontem no Real Coliseu de Lisboa, e que é considerada actualmente em toda a Hespanha como a primeira tipte de zarzuela comica, e como tal consagrada pelo publico e pela imprensa da nossa sultraza vizinha. A empresa do Real Coliseu de Lisboa, fazendo aquisição d'esta graciosa cantora, e da excellente companhia a que ella vem aggregada, prestou um relevantissimo serviço ao publico da capital, proporcionando-lhe ensejo de passar deliciosamente algumas horas n'essa atrahente casa de espectaculos, unico refugio que nos resta para esquecer a semsaboria das noites de Lisboa, no verão.

Can-cans



mal-o, a obrigal-o a dotar-nos com esse melhora-mento de primeira ordem, a conseguir, de graça, um beneficio só realisavel á custa de milhares de contos de réis, eis senão quando appare-nos a carta do sr. Marquez, a explicar-nos que não faz a ponte por-que o governo não quiz. Todo o empenho, toda a boa vontade, todo o interesse d'este ho-mem, morreu pe-rante a má vontade, o desleixo, a crimi-nosa incuria, para não dizer, a opposição criminosa do governo.

Como se justifica este abuso de po-de-res ?

Que imaginam ser estas corporações di-rigentes, que a seu talante se oppõem a todos os progressos de Lisboa, sem respeito pelas conve-niencias e vantagens dos seus habitantes ?

Que razões os levam a regeitar beneficios, para amparar syndicatos? Porque racionios concluem que as suas vontades individuaes, os seus caprichos, podem prevalecer, contra a vontade, contra os interesses da capital ?

Porque se não fez a Avenida Aerea, porque se não faz agora a Ponte sobre o Tejo ? Quem concede a inutil, perigo-sa, tóla e desastrada concessão do tunel do Rocio, bem podia olhar por mais serios interesses e justificar a sua justiça por mais alevantadas medidas. E o governo que tem vinculado o seu nome a tanta coisa escura e triste, bem podia vincular-o a alguma digna, grande, que mostrasse á luz do sol, diffe-rente da luz de relatorios e controversias parlamentares, que bem mereceu do paiz.

Nada d'isto porém tem importancia. Vamos ter fontes mo-numentaes, ao lado de travessas immundas e bairros inhabi-taveis; regalam-nos com uma canalisação primitiva que infe-cta, olhemos para os fundos a 68 e curvemo-nos !

Só Deus é grande e Calino o seu propheta !

Politiquemos um pouco. Fallou-se ha tempos na construcção d'uma Aveni-da Aerea. Um estrangeiro propoz-se a fazel-a, e depoi-tou trinta contos de réis. Não pedia nada a ninguem; pedia apenas a concessão, a licença de construir a obra mais extraordinaria, mais bella, mais arrojada, que Lisboa poderia osten-tar desvanecidamente ao olhar do forasteiro.

Uma obra verdadeira-mente phantastica pela grandeza que havia de im-primir á cidade, mercê das condições especiaes da col-locação dos seus bairros,

dependurados por montes fronteiros, n'uma grande elevação. A camara municipal de Lisboa arranjou maneira de collocar fóra de exito a magnifica obra do sr. Verdier; a proposta foi regeitada e para nos compensar do desgosto perante o des-apontamento d'uma resolução tão censuravel, adubada com circumstancias de repugnantes commentarios, manda fazer as fontes monumentaes do Rocio, que nos consta serem d'uma belleza ultra-saloia e vão estragar uma das praças melhores de Lisboa, que já hoje não prima pela grandeza, pela ampli-dão, pela exhuberancia do espaço.

A ponte Verdier foi pois condemnada, por influencias mi-seravias, por combinações pouco sérias, como é fama. A cida-de perdeu um dos seus grandes elementos de belleza, de atra-cção e de gosto. A camara sorriu; tinha conseguido privar-nos d'um melhoramento.

Depois da ponte Verdier, a ponte sobre o Tejo. Projecto espantoso por arrojado, de beneficios incalculaveis, d'uma grandeza maravilhosa. Propoz-se a fazel-a o sr. Marquez d'A-lex. Não pedia nada a ninguem; apenas a concessão, o favor de o deixarem construir, secundado por capitalistas estrangei-ros das mais fortes casas de Amsterdam e Løndres. Crêr-se-hia o governo de braços abertos. a proteger o marquez, a ani-



Levanta-se, á ultima hora, uma campanha tremenda con-tra os nossos exames de instrucção secundaria.

Ao ver-se a intensidade do ataque crer-se-ha que as coi-sas marchavam maravilhosamente, até hoje, e que só agora por causa estranha, ou inesperada, esses disparatados con-cursos de sciencia degeneraram no ridiculo modo de ser em que de ha longos annos vivem, fornecendo diplomas, dispen-sando premios, creando reputações comicas, e amanuenses.

Pode suppor-se talvez que a ultima reforma — espantoso parto que teria deslustrado os mais celebres pedagogistas, se elles tivessem a felicidade de ler o portuguez — seja talvez a causa d'este estado miseravel, atrazado, ridiculo, em que caminha o nosso systema de ensino secundario. Não; a reforma não produziu ainda os seus beneficos resultados. O Luthero da nossa instrucção espera ainda o fructo dos longos trabalhos de pensamento na cella estreita do seu cerebro. Oh! tão estreita!

De longos annos data esta miseria e não é difficil a ninguém, se quizer, reconhecer na instrucção, uma das grandes causas, senão a maior, da decadencia moral, tão rapida e tão desconsoladora da raça portugueza. Os sentimentos generosos, as idéas nobres e elevadas, o arrojo, a coragem, dotes com que se sahia outr'ora das escolas, hoje atrophiam-se pelos corredores e morrem nas secretarias. Envelhece-se nas cadeiras dos amphitheatros; e a hypocrisia, o servilismo, o empenho, a protecção escandalosa, a politica, até, vivem no meio academico, aquelle bello meio d'antes tão generoso, tão fidalgo, tão distincto pela independencia, pela generosidade dos instinctos, pela irmandade das relações.

Em cada rapaz de hoje encontra-se um velho: cheio de cuidados, de conveniencias, de vistas de futuro, de egoismos.

No exemplo do laureado, por escandalo, elle perde a comprehensão da necessidade do estudo; na incompetencia do professor elle lê a dispensabilidade do merito, a negação do direito do trabalho, o rebaixamento do saber.

Todos os maus instinctos suppuram, na consciencia de que a velhacaria, a dobléz, o servilismo, triumpham sempre.

A educação imperfeita, que lhe instiga morbidamente o espirito e lhe abandona o corpo, accorrença-o n'um circulo miseravel de invejas, de ciumes, de despeitos. A necessidade, o egoismo, o interesse de subir atira-o aos caminhos tortuosos, que lhe garantem sem esforço nome e posição.



Entrado na vida publica hoje tem o rir do sceptico, que vence, em anthithese com o velho riso altivo, do corajoso que desafiava a vida.

N'esta podridão, o talento esconde-se, amaneira-se, e, ou se retrahê, ou se lança na especulação sem pudôres, sem receios, sem attenções, sem dignidade.

Onde o talento e o merito são amesquinhadados decahem, fatalmente, todos os bons sentimentos, para dar logar á lucta mesquinha, secreta, a lucta que eleva pela sombra, pela intriga, pela cobardia, pelas paixões ruins transformadas em armas de combate.

A escola portugueza pollue, definha todos os bons sentimentos, que existem em regra no coração dos rapazes, e prepara assim a multidão de egoistas, de gastos, de cynicos que occupam as cadeiras do parlamento, as cadeiras da magistratura, os mais altos logares do Estado, os mais rendosos, os de mais responsabilidade.

Quem ha ahí capaz de negar estas verdades? Só a escola, sobria, seria, com um fim definido, uma orientação clara e simples, em relação a cada mister, a cada officio, a cada carreira; só a escola moderna, educando em harmonia com as modernas conquistas relativas á biologia, em todos os seus



ramos, poderia fazer d'um rapaz, d'um espirito que procura um caminho, que tateia a vida, um homem, preparando-lhe o corpo para a lucta phisica e armando-lhe o espirito na solida couraça dos principios indeclinaveis da honra.

O que faz a escola portugueza, atrazada, rotineira, cheia de prejuizos, de comperdios burlescos, de theorias velhas, de professores incompetentes? Como educa? Porque exemplos moralisa? Com que independencia ensina a dignidade? Com que força impõe o respeito, preconisa a ordem?

Quem não conhece um rapaz que acabou o curso dos lyceus? Que sabe elle? Definições papagueiadas, e n'esse caso é um premiado, ou nem estas sabe e n'este caso é um cretino. Do mundo em geral, das sciencias naturaes, da biologia, de si proprio, que idéas possui? Se algumas tem são d'um comico tal que provocam o riso.

Nenhum alumno, no final do curso d'um lyceu, sabe o que é um nervo, nem o que é um musculo. Se viu um osso é porque o encontrou pela rua esburgado pelos cães vadios.



Tenho ouvido a homens formados, nas mais elevadas posições sociaes, dizer d'uma carne cheia de cartilagens: — esta carne é muito nervosa! Ouve-se todos os dias.

A ignorancia d'uma banalidade scientifica causa arrepios. Sahe-se do lyceu sem se saber fallar nem escrever qualquer lingua, incluindo a propria, a nossa. Que ensina então a escola?

Nos cursos superiores vê-se todos os dias a necessidade de corrigir os conhecimentos do ensino secundario, por tolos ou falsos. O mal é pois do Lyceu, da Escola.

Faça-se o ensino livre. Monopolisar o ensino é um crime. E' querer egualar todas as intelligencias e aptidões, é crear o despotismo da intelligencia e da boa vontade.

Mas veja-se primeiro o paiz e as suas exigencias. Criem-se as escolas proprias para esse povo, e deixemo-nos de arremedar reformas simplesmente porque vêm d'aqui ou d'acolá.

Reforme-se o ensino completamente; adquiram-se os homens competentes, e este miseravel estado decahirá, e acabará de vez estes comicos exames em que não se examina coisa alguma a não ser as cartas d'empenho, as sympathias e as dependencias.

Crie-se a honestidade no Ensino.

Diminuirão os tolos formados, haverá mais justiça, menos bachareis e mais homens.



AS CHAVES DO CÉU

Os Escolhidos

Ilustração de
Tito de Alencar Costa

Entre... se cabe.

Entra, mulher, porque
muito smaste.

Bemaventurados os
que tem fome porque el-
les serão fartos.

Um nome trazia a aura,
Que o meu ouvido escutava:
O' Laura. ó Laura, ó Laura!

O ultimo prazer..



Os Reprobos!

Saia... só pode entrar metade.

Senhora, este é o templo da paz.

Journalista? Aqui não ha chinquillo.

Tres municipaes! o arroz queimado! a cosinha por varrer! sem cuidado no gato e 60000 por mez! tua!

Quando se arrepender como a sr.ª D. Magdalena, volte e bata duas pancadas repinçadas. E' mais facil um camel-lo passar pelo fundo d'uma agulha...

Handwritten signature



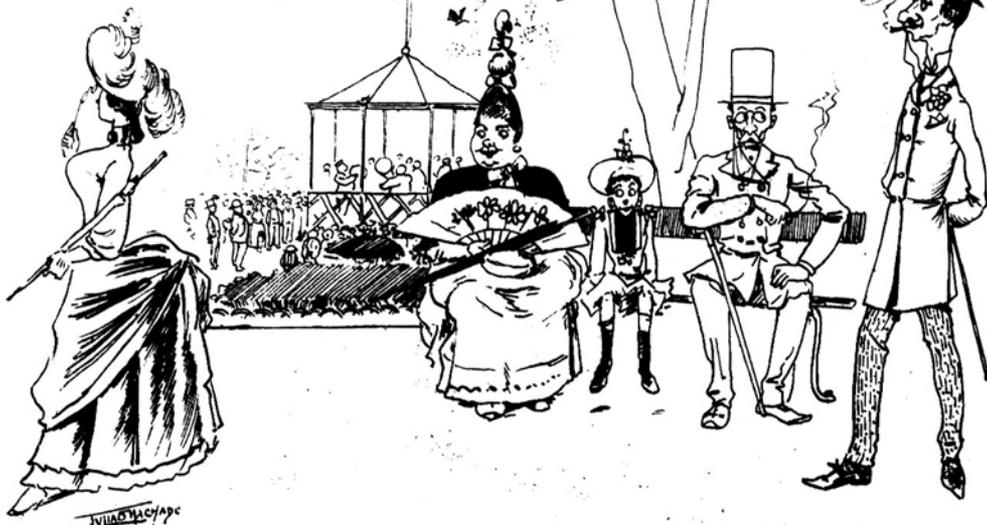


AS CRIANÇAS

Eu não sei que vida dão, em Lisboa, ás crianças durante uma semana inteira, em que, se percorrermos todos os jardins, não encontramos um unico d'esses grupos, saltando, doudejante e alegre, os cabellos soltos ao vento, as pernas quasi nuas, os fatos ligeiramente cingidos, gosando um pouco de bom ar, uma nesga de bom sol.

Nós que andamos sempre a copiar Paris e nos preocupamos, todos os dias, com a côr que a moda decretou para os seus vestidos, com o côrte que adoptou para as suas casacas, com a phraseologia dos seus *clubmen* e das suas *cocottes*, com as historietas dos seus *boulevards* e dos seus *cafés*, que indagamos, emfim, com uma curiosidade de senhoras visinhas, tudo que se segreda na formosa capital, mantemos uma absoluta indiferença por muitas coisas que ella tem de bom e de util e que nós, exactamente, deveríamos imitar de preferencia.

E' vêr a differença enorme entre os nossos jardins da Escola, da Patriarchal, da Estrella e os mais insignificantes *squares* da grande cidade. Emquanto os nossos estão, completamente, desertos, lá fóra echoam nos ares os trinados festivos de centenas de crianças, de faces avermelhadas, largos sorrisos descerrando-lhes os labios, fraternizando as suas alegrias, e, aqui, formam uma cadeia graciosa n'um rodopio incessante,



ali correm ao desafio com os arcos e as pélas, enquanto uns se exercitam nos saltos de corda e outros em trapezios e baioços. Collegios de rapazes e raparigas vão ali passar as duas hoias de recreio, aprendendo, ao mesmo tempo, com os seus mentores, a conhecerem as arvores, os arbustos, as flores... E enquanto esse mundo solta as suas gargalhadas ao vento, em convivio com as aves e com as rosas, as mães e as *bonnes*, que levaram os seus bancos de tapete e os seus cestos de trabalho, lêem, bordam, costumam, até que chegue a hora da partida para o jantar.

Em Lisboa, onde o sol tem prodigalidades que não sabemos aproveitar, as coisas passam-se bem differentemente.

As crianças saem ao domingo, que' é o dia do estylo... Durante os outros dias vivem nos corredores e cubiculos das suas casarias, quasi todas desconfortaveis, sem pateos, nem terraços, quando muito com acanhadas varandas.

N'esse dia faustoso, unicamente, é permitido á infancia gosar brisas e aromas, saborear um pouco de musica, depois de ter saboreado um pouco de missa. N'esse dia, de meias limpas e barbas escanhoadas, os papás levam os meninos a passear, de mãos dadas; nada de correrias, de saltos, de gaiatices... Estão vestidinhos de lavado, observam. Crianças de sete a oito annos teem já ares de pequeninos conselheiros, physionomias solemnes, luvas e bengala, chapus enterrados até á nuca, cabellos alisados a cosméticos. Sentam-se nos bancos, o papá d'um lado, a mamã do outro e o menino ao meio, de cara alvar, ouvindo a critica que os dois estabelecem sobre o cavalheiro ou a dama que passa. Outros, os de quatro e cinco annos, arrastam-se, difficilmente, entre saiotes engomados com bordaduras teitas pela mana mais velha, largos chapus de ramos floridos, laçarotes enormes pendentés á cintura, cabellos frisados, em caracoes, e leque de varetas de marfim, agitando-se, dôcemente, na dextra.

A unica extravagancia, que lhes é permitida, é servirem de anjinhos no Nosso Pai da freguezia, de fórma que, quando chegam á idade da jaleca, resumem o seu ideal em empunharem a vara d'um creal e ladearem um pallio.

E passam os domingos, igualmente, sentadinhos nos bancos, porque, se vão correr, lá se lhes amarrotam os engomados e desmancham se-lhes os frisados... Quando muito vão com o papá á beira dos lagos, onde o austero ancião mergulha a bengala para fazer nadar os peixinhos vermelhos. Então o pequeno, que está ancioso de qualquer cousa que o divirta, alegre-se, interrompe as investigações a que procede com os seus dedinhos no nariz, bate as palmas delirante e pede para que se repita a graciosa distração.

Se não estiverem quietos, não tornam a sair, murmuram-lhe aos ouvidos os ditosos casaes, que os fabricaram em cálida noite de nupcias. E elles obedecem, receiosos, tímidos, acanhados, entre os elogios das pessoas conhecidas que os consideram muito bem educadinhos, com muito proposito, dignos de alguns pasteis, que constituem a recompensa do seu bom procedimento. Uma especie de habito de Aviz... desfeito em nata.

*

E' sobretudo na sociedade burgueza, toda ella de sedas pretenciosas, ares aristocraticos, copiando figurinos caprichosos, em que mais se nota esta maneira de cultivar os fructos dos matrimonios felizes. Preocupada no meio d'esta febre de luxo, de ouro, de grandeza, em egular heróes e heroínas em voga, de attingir as sociedades mais elevadas, de n'ellas entrar e pavonear-se, deixam perder umas certas regalias e vão sacrificando, n'essa luta, os proprios filhos.

E enquanto as crianças, victimas dos preconceitos, aguardam, tranquillamente, o domingo, para aspirarem os perfumes das olaias em flôr, eu vejo, todas as tardes, pelo espaço, baterem as suas azas os bandos de aves, chilreando, alegremente as suas festivas canções de amor.



C. DE MOURA CABRAL.

A ALMA DO POVO

Que o povo tem alma, é muio rasoavel de suppôr; e que essa alma seja mais ou menos explorada, como é o corpo, tambem parece que não chega a ser nenhuma desconfiança temeraria.

Mas que a dita alma tenha contribuido como *elemento novo e tonificante* para se revigorarem outras almas *cansadas* de pensar e de cogitar *incansavelmente* no mysterio tenebroso e insondavel das cousas creadas, é esse um ponto que resta a escabichar, para sabermos quaes são as almas *cansadas* que excogitam *incansavelmente*, e que, por fim, se vão banhar na alma do povo, como quem mergulha n'uma tina.

Estas reflexões nasceram de certo conceito, que, ha pouco, asmatou um escripto peregrino de uma peregrina intelligencia; e n'elle se diz, — que, os maiores espiritos da humanidade que tem dado o supra referido mergulho tonificante, podem marcar-se, tendo por balizas, Platão até Goethe, e Goethe até Renan.

Adoramos o talento, sobretudo quando elle resalta de um fundo de sapiencia indiscutivel, assim á maneira de uma flôr de missanga, repinchando sobre um fundo de talegarça authentica.

De Platão a Goethe, como quem diz, muito mais de dois mil annos; de Goethe a Renan, como quem diz, de sabbado para domingo.

Este trabalho, considerado sob o ponto de vista de balisagem, quer-nos parecer de uma equidistancia perfeita.

E' quasi que o imperio chinês, tendo como arrabalde o bécio da Linheira!

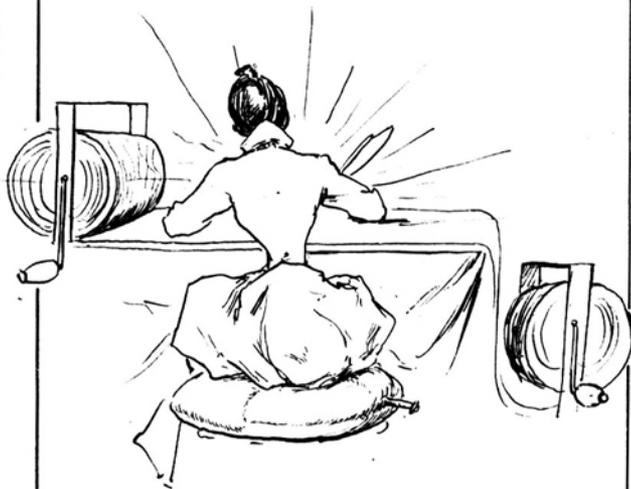
Agora, — como excavação d'arte ou sciencia, — vamos lá a saber: — onde foi que o divino Platão escarafunchou na alma do povo? — Foi na *Republica*, no *Banquete* ou no *Criton*?

Onde foi que o sublime Goethe, esse *genio aristocratico*, segundo a expressão de Blaze de Bury, pediu subsidio ao grande collaborador anonymo? — Foi no *Werther* ou no *Fausto*, o *evangelho do pantheismo ideal*, apezar de ter a sua filiação na lenda?

Onde foi que o encantador Renan colheu em flagrante a singelesa da plebe? Foi nas *Origens do Christianismo* ou na *Historia geral das linguas semiticas*?

Valha-nos Deus, pela sua infinita misericordia!...

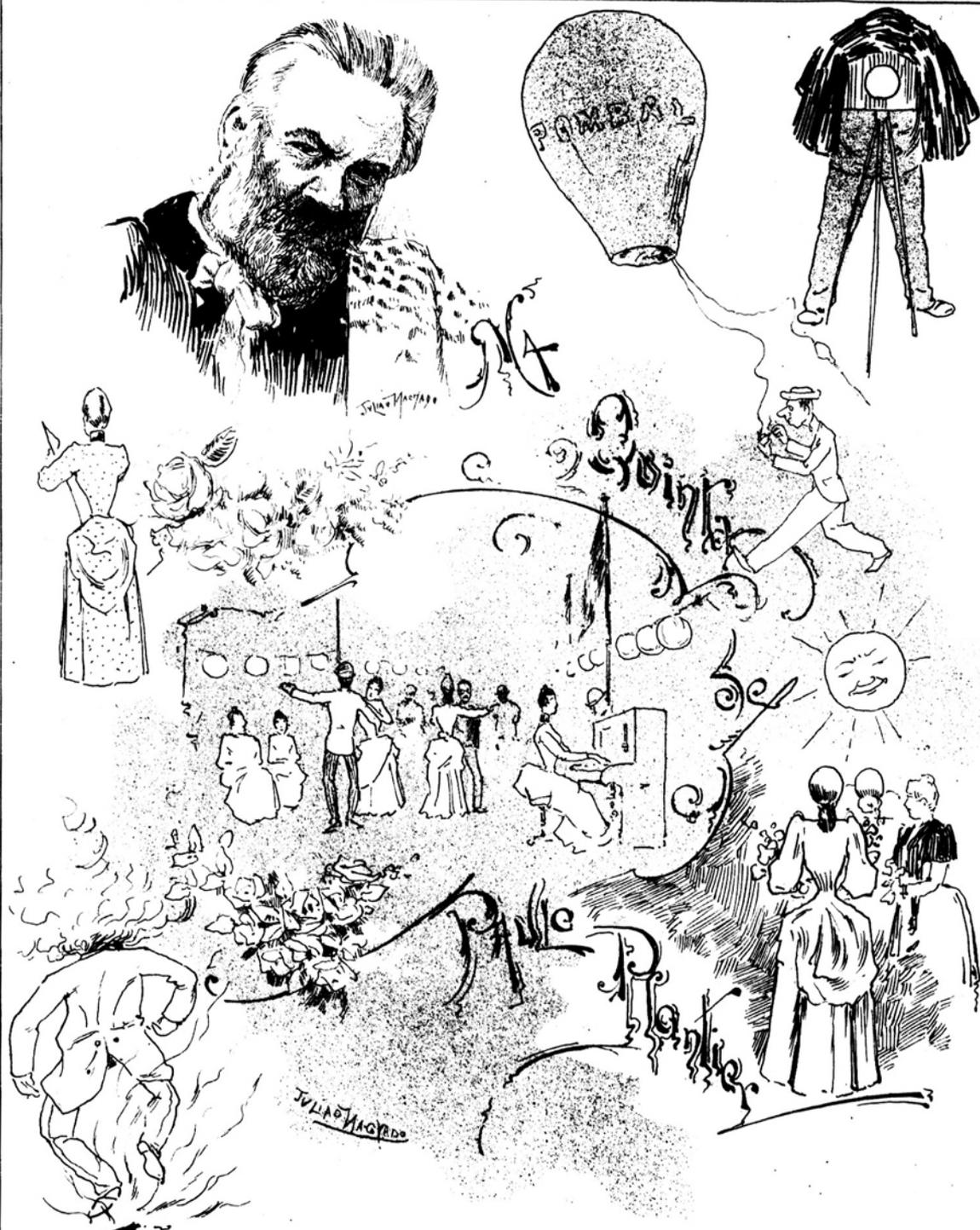
Platão, Goethe e Renan são tres nomes que brilham na historia do espirito humano, como astros de primeira grandeza; mas não é licito que uma pessoa qualquer lhes deite mão profana, assim como quem pega n'um castiçal, para ir á escada alumiar as visitas.



Hypnotismo.— Dizem os jornaes americanos que a esposa do celebre hypnotizador Bishop Irving, declarou que seu marido não morreu de morte natural, mas sim morto pelos seus medicos, que lhe fizeram a autopsia quanto elle estava cataleptico.

E' assim que os tres medicos Ervin, Ferguson e Larce prestaram a fiança de doze mil francos.

Curiosa a America, que leva o empenho das descobertas a abrir os craneos dos catalepticos. Não se conhece ainda o resultado da autopsia; mas se por cá o amor da sciencia nos levasse a abrir os cerebros cuja constituição se nos afigurasse curiosa e houvessem tres medicos que se prestassem á vivessecção, de ha muito que não teriamos um unico em liberdade para nos tratar um simples defluxo. E se estivessem livres, á força de fianças... tinham morrido á fome.



Deliciosa festa na quinta de Paulo Plantier, em Almada, na noite de S. João. Raparigas encantadoras e rapazes não menos encantadores (estávamos nós lá...); luzes e quadrilhas, flores e valsas, um animado *cotillon* e uma ceia ainda mais animada, regada pela fina ambrosia das adegas do Pombal. . Emfim, festas d'esta ordem não se commentam: registam-se e gozam-se apenas.